



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

LUCAS ALVES BERNARDO

CONTROLE E MONITORAMENTO:
AS AMARRAS DISTÓPICAS NA SÉRIE *BLACK MIRROR*

CAJAZEIRAS – PB

2020

LUCAS ALVES BERNARDO

**CONTROLE E MONITORAMENTO:
AS AMARRAS DISTÓPICAS NA SÉRIE *BLACK MIRROR***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial da obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior

**CAJAZEIRAS – PB
2020**

| | |
|-------|--|
| B523c | <p>Bernardo, Lucas Alves. Controle e monitoramento: as amarras distópicas na série Black Mirror. / Lucas Alves Bernardo . - Cajazeiras, 2020. 53f. : il. Color.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Inglesa)UFCG/ CFP, 2020.</p> <p>1.Gênero literário. 2. Narrativas distópicas. 3. Black Mirror. 4. Distopia. 5. Modernidade líquida. 6. Vigilância líquida. I. Ferreira Junior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>BS/CFP/UFCG</p> <p>CDU – 82.09</p> |
|-------|--|

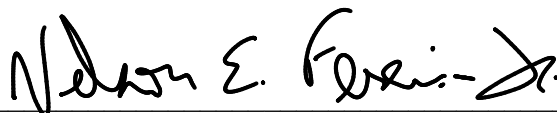
LUCAS ALVES BERNARDO

CONTROLE E MONITORAMENTO:
AS AMARRAS DISTÓPICAS NA SÉRIE *BLACK MIRROR*

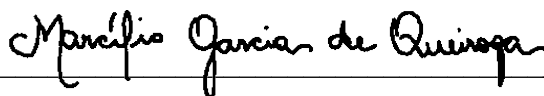
Monografia apresentada a Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial da obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em 4 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior (orientador)
Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga (examinador)
Universidade Federal de Campina Grande



Profª. Ma. Luciana Parnaíba de Castro (examinadora)
Universidade Federal de Campina Grande

Profª. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer, nesta secção do Trabalho de Conclusão de Curso, àqueles que fizeram parte passivamente e ativamente da construção deste projeto. São pessoas ilustres para mim, às quais eu desejo tudo de melhor que a vida puder oferecer.

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu orientador, o Professor Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior, o qual acreditou na premissa desse TCC e não desistiu de me orientar, mesmo com os constantes hiatos ocorridos durante o desenvolvimento do projeto. O professor Nelson mostrou-se ser uma pessoa atenciosa e compreensiva durante as orientações, algo que foi de grande importância para que eu não entrasse em pânico no processo de escrita. Além disso, seus conselhos e direcionamentos, impressos nesse trabalho, agregaram à minha escrita um valor imensurável.

Outros docentes de inegável importância para o desenvolvimento desse projeto foram o Professor Me. Fabiane Gomes da Silva (o qual me auxiliou em diversos momentos, tanto no período de estudo, quanto durante o processo de escrita) e a Professora Dra. Daise Lilian Fonseca Dias (professora excepcional, a qual foi responsável por apresentar, em sala de aula, o tema chave para a construção desse trabalho – a distopia –, além, é claro, de citar muitas obras referentes a esse gênero, as quais encontram-se também citadas aqui). Contudo, não posso menosprezar o aprendizado adquirido através do trabalho de todos os professores que fizeram parte da minha graduação, por isso deixo a todos vocês, também, o meu muito obrigado.

Não poderia de deixar de agradecer aos meus pais, que foram os financiadores majoritários dessa pesquisa e que me deram total apoio e estrutura para prosseguir-la. Talvez eu nunca possa pagar os esforços deles em prol da minha educação, mas espero que um dia possa lhes agradecer a altura tudo o que fizeram e fazem por mim.

Gostaria de deixar também os agradecimentos a todos os meus amigos, os quais me ajudaram a passar pelo vale das sombras da ilha da rainha da morte sem sofrer mal algum. São todos indivíduos quase cósmicos e extraordinários, inclusive a sensacional Yoshara Estrela, a qual me ajudou em algumas correções desse projeto. Desejo a eles toda a felicidade e sucesso possíveis.

Por último e por isso mais importante, o meu mais especial agradecimento vai para minha melhor amiga, companheira, parceira e namorada, a maravilhosa Yahanna Estrela. Se o trabalho de conclusão é um dos maiores desafios para um graduando, Yahanna foi quem derrubou os monstros da adversidade, me resgatou da torre do desespero e me carregou rumo à conquista. Faltam palavras de elogios para gratificar tamanha ajuda e determinação da minha heroína super poderosa. Espero que ela saiba o quanto eu a amo e o quanto ela é importante para mim.

Por fim, deixo aqui minha gratidão pela instituição UFCG, a qual faz parte de um sistema público de educação científica e que permite a muitos alunos, neste obscuro período no qual a ciência é posta à margem, a conquista dos requisitos necessários para contribuir, academicamente, com a sociedade como um todo.

“Nada grandioso entra na vida dos mortais sem
uma maldição”.

Sófocles

RESUMO

O propósito desse TCC é apontar, em três dos episódios da série *Black Mirror* (*Queda Livre*, *Odiados pela Nação* e *Arkangel*), características de controle e monitoramento vinculadas ao gênero de narrativas distópicas. Para tanto, foi-se utilizado como base teórica, os escritos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001 e 2014) referentes às questões de liquidez na modernidade e na vigilância, do escritor e filósofo italiano Umberto Eco (1986 e 1994) que tratam dos temas ficção científica e verossimilhança, de escritores, como Queiroga e Liebig (2008) e Hilário (2013), os quais auxiliam na delimitação das características referentes à distopia, além de outras produções culturais, as quais estabeleceram ligações com o tema, como *Jogos Vorazes* (COLLINS, 2010), *1984* (ORWELL, 2003), etc. Nesse quesito, o conceito de modernidade líquida, de Bauman, funciona como ferramenta analítica, a qual viabiliza um olhar mais amplo sobre as pontes verossímeis presentes em ficções científicas, como é o caso da produção *Black Mirror*. Além disso, os estudos relacionados a mecanismos de vigilância, controle e seu exponencial processo de propagação são de suma importância para destacar a crítica presente nos episódios. Desse modo, depreende-se, através das análises realizadas, que existe nas narrativas pontos nos quais elas convergem (a presença de ferramentas que viabilizam a vigilância e o controle do indivíduo, por exemplo), porém sem necessariamente reproduzir o mesmo olhar sobre eles. Por fim, faz-se mister salientar a dimensão do caráter crítico dos episódios, que apresentam, ao longo de suas narrativas, esses mecanismos de vigilância e controle – alguns baseados em mecanismo já existentes– e suas consequências, tanto para a sociedade, quanto para o indivíduo.

Palavras-chave: Black Mirror. Distopia. Modernidade líquida. Vigilância líquida.

ABSTRACT

The focus of this TCC is to point out, in three of the episodes of the *Black Mirror* series (*Nosedive*, *Hated in the Nation* and *Arkangel*), control and monitoring characteristics linked to the genre of dystopian narratives. Therefore, were used as a theoretical basis, the writings of the Polish sociologist Zygmunt Bauman (2001 and 2014) referring to the issues of liquidity in modernity and surveillance, of the Italian writer and philosopher Umberto Eco (1986 and 1994), which deal with the themes of science fiction and verisimilitude, by writers such as Queiroga and Liebig (2008) and Hilário (2013), which assist in the delimitation of characteristics related to dystopia, in addition to other cultural productions, that established links with the theme, such as *Hunger Games* (COLLINS, 2010), *1984* (ORWELL, 2003), etc. Concerning this, Bauman's concept of liquid modernity works as an analytical tool, which enables a broader look at the credible bridges present in science fiction, such as the *Black Mirror* production. Furthermore, studies related to surveillance, control mechanisms and their exponential propagation process are of paramount importance to highlight the criticism present in the episodes. For that reason, it appears, through the analyzes carried out, that there are points in the narratives in which they converge (the presence of tools that enable the individual's surveillance and control, for example), but without necessarily reproducing the same look on them. At last, it is necessary to emphasize the dimension of the critical character of the episodes, which present, throughout their narratives, these surveillance and control mechanisms - some based on existing mechanisms - and their consequences, both for society and for the individual.

Keywords: Black Mirror. Dystopia. Liquid modernity. Liquid surveillance.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Pontuação..... | 32 |
| Figura 2: Círculo social de Lancie (conexões)..... | 33 |
| Figura 3: Treinamento do discurso de Lancie para o casamento de Naomi..... | 35 |
| Figura 4: Abelhas-drones..... | 37 |
| Figura 5: Personagem Tess Wallender falando sobre o linchamento virtual que sofreu..... | 40 |
| Figura 6: Detetive Parke comparando o ódio virtual com o ódio em um casamento..... | 41 |
| Figura 7: Filtro (censura) sendo demonstrado durante a apresentação do sistema Arkangel.. | 43 |
| Figura 8: Marie usando o Arkangel para brincar de esconde-esconde com a filha..... | 45 |
| Figura 9: Sara descobrindo que a mãe tinha voltado a usar o sistema Arkangel..... | 46 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | AS PONTES ENTRE FICÇÃO E A REALIDADE CONTEMPORÂNEA. | 12 |
| 2.1 | MODERNIDADE LÍQUIDA..... | 12 |
| 2.2 | FICÇÃO CIENTÍFICA..... | 16 |
| 2.3 | AS PONTES DA VEROSSIMILHANÇA..... | 18 |
| 3 | DISTOPIA COMO CRÍTICA AO CONTROLE E MONITORAMENTO DO INDIVÍDUO | 20 |
| 3.1 | O OLHAR DISTÓPICO..... | 20 |
| 3.2 | MONITORAMENTO E CONTROLE..... | 23 |
| 3.3 | O MONITORAMENTO SOBRE A VIDA PRIVADA..... | 27 |
| 4 | BLACK MIRROR | 31 |
| 4.1 | O MONITORAMENTO DA VIDA PRIVADA EM QUEDA LIVRE..... | 31 |
| 4.2 | VIGILÂNCIA E PUNIÇÃO EM ODIADOS PELA NAÇÃO..... | 36 |
| 4.3 | VIGILÂNCIA E PROTEÇÃO EM ARKANGEL..... | 42 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| 6 | REFERÊNCIAS | 50 |

1. INTRODUÇÃO

O medo, a angústia e o pessimismo são compostos fundamentais para a formulação de uma distopia, a qual tem como função tentar alertar sobre possíveis perigos vindouros (HILÁRIO, 2013). É através desse amargor que a série *Black Mirror* visa destacar, em suas narrativas não sequenciais, um mal estar oculto que paira acerca de tecnologias existentes, ou que possam vir a existir, levantando questões relacionadas a possíveis colateralidades nos seus respectivos usos.

Dessa maneira, a definição do tema proposto para essa produção dissertativa fundamenta-se na necessidade de discussão, dentro do âmbito acadêmico, acerca de como as narrativas distópicas contemporâneas dialogam com o conceito de pós modernidade. Nesse quesito, vale salientar algumas das características presentes nos episódios selecionados da série *Black Mirror*, as quais visam expor a liquidez das relações humanas, a linha tênue entre questões da vida privada e pública, além do monitoramento relativo à intimidade. Para tanto, foi-se delimitado, dentro da categoria distópica, as questões de controle e monitoramento, suas funções, usos e consequências.

No que se refere ao desenvolvimento das narrativas distópicas no âmbito moderno, pode-se apontar seu caráter crítico ligado aos temores do período no qual ela é escrita (BAUMAN, 2001). Isso pois, para atingir verdadeiramente sua função, a obra de natureza distópica deve funcionar projetando uma realidade alternativa, na qual o mundo real estaria fadado a pagar pelos erros e inconseqüências cometidas a partir do período da escrita (HILÁRIO, 2003). Desse modo, as narrativas de ficção científica, em específico as obras distópicas, visam traçar pontes, ligando a realidade projetada com a autêntica. Essa verossimilhança permite, de certo modo, uma aproximação daquilo que se é apresentado, tornando-se algo mais facilmente compreendido e aceito (ECO, 1994).

As metas delimitadas acerca dessa produção destinam-se a relacionar as projeções observadas nos episódios com o conceito de liquidez proposto por Bauman (2001 e 2014), tanto no sentido da modernidade como um todo, como nas questões que permeiam a vigilância. Além disso, faz-se mister destacar quais características distópicas podem ser apontadas nos episódios e relacionadas com as questões de controle e monitoramento vinculadas ao período hodierno. Conta-se, para fundamentar as análises propostas, com alguns autores que dissertam acerca do gênero distópico, como Queiroga e Liebig (2008) e Hilário

(2013), além de algumas obras que apresentam em seu enredo características ligadas à esse gênero, como: *Jogos Vorazes* (COLLINS, 2010), *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 2012), *1984* (ORWELL, 2003), *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2003), dentre outras.

Quanto ao caráter metodológico dessa pesquisa, ela se configura como pesquisa de natureza básica e abordagem qualitativa, vide seu foco na apresentação e discussão acerca de determinados problemas, sem uma considerável utilização de técnicas estatísticas (que poderiam classificá-la como quantitativa) e sem desenvolver, necessariamente, uma aplicabilidade que resultaria na resolução desses problemas. Segundo Neves (2015), “pesquisar qualitativamente é não abrir mão da observação, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender seu significado.”

Com relação à metodologia objetiva desse trabalho, ela caracteriza-se como exploratória, visto que o objetivo proposto é identificar pontos específicos em três determinadas produções. De acordo com Schechtman (2015), essa metodologia explora o que está acontecendo e questiona a respeito desses acontecimentos, facilitando o conhecimento do assunto e a decisão de delimitação da pesquisa a ser realizada. Dessa forma, essa metodologia torna o problema familiar ao pesquisador, permitindo, assim, que ele construa hipóteses sobre.

Além disso, no que se refere aos procedimentos metodológicos, foram utilizados: pesquisa bibliográfica (para a fundamentação teórica do trabalho) e pesquisa documental (relacionada às análises feitas nos episódios). A utilização da pesquisa bibliográfica foi necessária para a coleta de dados referentes ao contexto de modernidade e vigilância líquida em Bauman (2001 e 2014), definição do que se é entendido como narrativa distópica em Queiroga e Liebig (2008) e Hilário (2013), ficção científica e verossimilhança em Eco (1986 e 1994), entre outros. Já no que se refere à pesquisa documental, sua principal utilização foi para as análises dos episódios da série *Black Mirror: Queda Livre* (2016), *Odiados pela Nação* (2016) e *Arkangel* (2017).

Dito isso, vale justificar a escolha dos episódios selecionados por estes apresentarem um maior grau de aprofundamento nos pontos temáticos dessa produção acadêmica, tanto no que se refere às narrativas distópicas e suas peculiaridades, quanto nas questões que permeiam a sociedade e a ficção, como será explanado no capítulo posterior.

2. AS PONTES ENTRE FICÇÃO E A REALIDADE CONTEMPORÂNEA

2.1 MODERNIDADE LÍQUIDA

A modernidade como algo líquido, mutável e instável vem substituir o antigo modelo de sociedade, na qual a solidez das instituições e valores sociais constituíam-se como estrutura fixa do coletivo. Segundo Zygmunt Bauman (2001), em seu livro *Modernidade Líquida*, a liquefação das estruturas sólidas não aconteceu de forma gradativa, e sim drástica, o que nos levou, como humanos, a termos a necessidade de adaptação a esse novo meio líquido. Tamanha mudança nos parâmetros sociais configura-se como o início de uma nova era, repentina e avassaladora, que inunda e dissolve as instituições. Aqueles que não se modificam para a sobrevivência nesse meio são engolidos por essa maré de novos valores, que são modificados e substituídos a todo instante.

A modernidade líquida, segundo Bauman (2001), surge como uma consequência da progressão de um sistema econômico. O período que antecedeu a modernidade líquida apresentava uma forma de capitalismo em um ritmo lento, em processos e de baixa progressão. Com o advento da globalização e da ampla rede de computadores, o sistema capitalista foi sendo modificado e adaptado, adentrando em aspectos cada vez mais individuais da vida humana. Esse modelo econômico, que apresenta grande demanda, que inunda a realidade do indivíduo com novas necessidades e que se adapta às nuances do cotidiano, é descrito, de acordo com o autor, como uma das principais fontes dessa nova modernidade (BAUMAN, 2001).

Vale ressaltar que a modernidade descrita por Bauman (2001) não demonstra um exagerado distanciamento de outros períodos considerados modernos. A real diferença é observada na velocidade com a qual as estruturas consideradas “velhas” são substituídas por um fundamento “novo”, na busca incessante do avanço, da mudança e do aperfeiçoamento. O padrão moderno contemporâneo, que apresenta preferência por atributos de adaptação e mutabilidade, assemelha-se com a teoria da evolução proposta por Charles Darwin, na qual a evolução parte da necessidade de adaptar-se melhor ao meio (BAUMAN, 2001).

De forma análoga ao pensamento do filósofo sofista Protágoras e modificando o agente principal de sua oração, pode-se articular, tomando como cenário o período pós moderno, a seguinte frase: o “mercado” é a medida de todas as coisas. Isto é, as atribuições

antes conferidas ao ser humano, de dar forma, valor e significado, hoje são transferidas para o estado da oferta e da procura (BAUMAN, 2001). É desse modo que o capitalismo, antes relacionado majoritariamente com a produção de bens de consumo, passa a preencher também aspectos da vida comum. Assim sendo, o capitalismo toma posse de parcelas cada vez maiores da individualidade, prometendo e promovendo um aperfeiçoamento sempre incompleto do homem (BAUMAN, 2001).

Essa relação entre o capitalismo e a individualidade não é desconexa. Deve-se levar em consideração que, com as ramificações e o enraizamento desse sistema no subconsciente social, o ser humano passa a ser considerado não um sujeito com personalidade e identidade, mas sim uma máquina de trabalho, potencialmente produtiva e facilmente descartável (BAUMAN, 2001). Por conseguinte, atributos que dialogam com o meio de produção capitalista tornam-se aclamados pela sociedade, sendo vistos como necessários para a sobrevivência no âmbito moderno. Características como proatividade, produtividade e perfeccionismo são exemplos de atributos exaltados na modernidade (BAUMAN, 2001).

A evidência plena das consequências do capitalismo no âmago social é concretizada na forma do vício em consumir. Embora o consumo esteja atrelado à história humana desde os seus primórdios, é evidente que seu ápice é atingido ano após ano no período contemporâneo. Isso porque, com o passar das eras, o consumo deixou de ser atribuído a uma necessidade física e passou a ser considerado atributo de poder. Além disso, com a propagação do sistema econômico vigente e as inúmeras investidas contra a psique humana (por meio do marketing e diversas outras estratégias de venda), o ato de consumir agregou em si um novo valor: o de ser (BETT, 2004).

Os efeitos desse cenário instável de aperfeiçoamento constante afetam as estruturas do social e do individual. Com a fragmentação dos valores, o que antes poderia ser um ponto de chegada ideal para a humanidade, hoje se configura como uma constante mutável, que se modifica a cada escolha individual tomada, a cada nova descoberta científica ou tecnológica. Bauman (2001, p. 38) caracteriza essa realidade pós-moderna evidenciando o desprendimento do indivíduo do “todo” social:

O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”), atribuído às vísceras e energias individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos.

A partir desse desprendimento, ou dessa libertação do todo, o indivíduo vê-se livre para empregar mais tempo em busca do prazer próprio, o que, em outras palavras, podemos caracterizar como hedonismo moderno, doutrina que nasce na Grécia Antiga e tem como objetivo destacar o prazer como o sentimento fundamental que move as ações humanas. Tal linha filosófica de pensamento misturada à indústria do consumo pós-moderna cria um indivíduo que relaciona, previamente, o sentimento de prazer com a aquisição de bens ou status, algo que será discutido com maior profundidade nos capítulos posteriores.

A busca do prazer como objetivo primordial do indivíduo modifica também as relações interpessoais, as quais Bauman (2001) chama de “conexões” devido à facilidade com a qual as pessoas, no âmbito moderno e com a viabilidade da internet, “conectam-se” e “desconectam-se” umas das outras, na menor iminência de prejuízo ao prazer individual. O prazer, a felicidade ou a satisfação pessoal são colocados em uma “zona segura”, que é construída de acordo com os desejos do indivíduo e qualquer perturbação que venha afligir essa zona é automaticamente repelida, independentemente de em qual categoria essa perturbação esteja inserida (BAUMAN, 2001).

Têm-se então a fonte – ou a extensão – dessa liquidez nas relações interpessoais: as redes sociais. O surgimento das redes sociais, a partir da década de 1990, configurou-se como um fenômeno que mudou definitivamente a forma com a qual os indivíduos interagem entre si. Além disso, possibilitou, com maior facilidade, que as necessidades hedônicas e narcisistas do sujeito fossem atendidas (BAUMAN, 2001).

Embora o uso das redes sociais tenha corroborado tanto para o avanço da globalização quanto para a troca de informações de cunho científico e informativo, as empresas responsáveis por essas redes começaram a implementar um sistema de gamificação, mais especificamente um processo de ação e recompensa a curto prazo, possibilitando assim o surgimento de algumas dependências do usuário para com o uso das plataformas.

De forma análoga aos ditos de Nogueira (2013), Silvia (2013) e Moraes (2013) o uso da internet está relacionado ao vazio consequente do mundo moderno e seu viés de instantaneidade pode acarretar em vício por parte dos usuários. Segundo Bauman (2001, p. 137), essa instantaneidade no âmbito moderno significa:

[...] realização imediata “no ato” - mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a

passagem do tempo, e portanto para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seu significado - que, como todos os significados, derivava de sua rígida oposição.

Por conseguinte, transtornos mentais associados a algum aspecto da vida no meio digital vêm crescendo ano após ano, por exemplo: estresse, ansiedade e depressão. A intensificação desses transtornos no período hodierno está, geralmente, ligada à má utilização do tempo de uso da internet. Segundo a análise realizada a partir de dados coletados de estudantes de medicina, Moromizato *et al.* (2017, p. 502) destaca que:

O uso excessivo da internet pode levar a diversos problemas, como mau gerenciamento do tempo, prejuízos físico-psicológicos e conflitos nas atividades diárias ou nos relacionamentos com amigos e familiares. Ao usar o tempo durante o qual estuda ou dorme para ficar conectado, o estudante se torna suscetível a mudanças de humor e a vários transtornos mentais.

O ambiente de trabalho, assim como as demais áreas do cotidiano, teve sua estrutura alterada devido às flexibilizações obtidas através do meio digital. Apesar do auxílio no desenvolvimento de diversas tarefas, o meio digital traz consigo uma carga de vigilância constante sob os funcionários, como sugere Cavallini (2018) em uma matéria sobre o comportamento nas redes sociais e suas consequências no ambiente de trabalho: “As redes sociais são uma janela aberta, não há anonimato. Aqueles que a utilizam têm de ter claras as consequências que vêm do seu mau uso”. Apesar da situação principal apresentada pela matéria demonstrar uma clara má utilização das redes sociais e um desrespeito à ética, depreende-se, embora, que o uso das redes sociais deve estar de acordo com as políticas da empresa, visto que o funcionário carrega consigo a representatividade da empresa, mesmo quando está fora dela.

Em suma, a caracterização dessa era moderna, de mudanças constantes, flexibilidade e instabilidade, assemelha-se a um nítido cenário distópico, como ilustra o próprio Bauman (2001, p. 40):

Ao contrário da maioria dos cenários distópicos, esse efeito não foi alcançado via ditadura, subordinação, opressão ou escravização; nem através da “colonização” da esfera privada pelo “sistema”. Ao contrário: a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir.

Em *Modernidade Líquida*, a dissolução dos sólidos é descrita como algo abrupto – no que se refere aos padrões que norteavam os objetivos do indivíduo –, entretanto, ao mesmo tempo, libertador. A liberdade descrita por Bauman (2001) refere-se à liberdade de movimento, de escolhas e de fixação, sempre comparando essa nova era de modernidade com a fluidez dos líquidos que transitam livremente, que tomam forma de qualquer recipiente nos quais são colocados e que não são facilmente contidos. Apesar da sensibilidade do autor para com o tema, esse prefere se portar de forma crítica, apontando dificuldades as quais o sujeito pós-moderno enfrenta e enfrentará posteriormente ao advento dessa liberdade.

Estar livre permite ao indivíduo construir o caminho que quiser, da maneira com a qual melhor se adaptar, desfazer vínculos antigos e sólidos e caminhar livremente entre os nichos, classes e tribos que desaparecem com a mesma facilidade que surgem. O caráter satisfatório da liberdade abre espaço também para as pesadas responsabilidades de cada ação, de cada decisão tomada pelo sujeito. Não existem sólidos os quais possam ser culpados na era da modernidade líquida, fazendo com que os fardos das escolhas caiam sobre os ombros dos indivíduos livres (BAUMAN, 2001).

Desse modo, pode-se analisar e discutir os elementos que compõem as narrativas de ficção científica, suas derivações e entender como a verossimilhança é um fator decisivo para recepção dessas narrativas pelo público, além de funcionar como uma importante ferramenta que auxilia na visualização dos dilemas da modernidade líquida nas produções culturais recentes.

2.2 FICÇÃO CIENTÍFICA

Imagine uma realidade futura, dominada pelas máquinas, na qual os humanos encontram-se encarcerados, destituídos de sua consciência e servindo apenas como matéria energética com função de alimentar a expansão robótica. Não se sabe se tal cenário poderia ou poderá se concretizar em algum momento da história humana. Entretanto, sabe-se que sua concepção foi possível, pois trata-se da trama inicial de *Matrix* (1999), uma das mais conhecidas obras de ficção científica dos últimos vinte anos.

A escolha do filme *Matrix* para situar o gênero de ficção científica ao invés de outras renomadas obras do gênero, como *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2003) ou *A Viagem ao Centro da Terra* (VERNE, 1864), justifica-se por se tratar de uma obra que se popularizou

na véspera do início desse milênio e que trouxe consigo temáticas, anseios e angústias da época que ainda hoje são consideradas contemporâneas. *Matrix* (1999) inicia seu enredo situando o protagonista em um cenário que, em primeiro momento, demonstra-se condizente com a realidade, pois apresenta elementos do cotidiano que podem ser comumente encontrados em um centro urbano e respeita as noções físicas da realidade. Entretanto, a partir de um determinado momento da trama, o personagem principal vê-se em uma realidade completamente diferente da anterior, um mundo onde os seres humanos são sobrepujados e quase extintos pelas máquinas.

Em consoante com a definição do gênero ficção científica pelo escritor italiano Umberto Eco (1989), pode-se estabelecer a ficção científica em um nicho de narrativa de hipótese, baseando-se na realidade e espelhando seus aspectos em um mundo possível com elementos extraordinários ou não condizentes com a noção coletiva do que é real. A escrita ficcional científica empodera-se do existente para projetar um mundo diferente, no qual podem reger diferentes leis da física, avanços tecnológicos, interações sociais, políticas, etc. Tal produção é construída de forma a dialogar com os ideais do autor, sejam eles, por exemplo, uma forma de explorar o imaginário sobre o desconhecido ou projetar um futuro no qual as noções de avanço tecnológicos sejam apresentadas de forma pessimista.

Em sua obra, *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*, Eco (1989) apresenta algumas vertentes do gênero ficção científica: a alotopia, a utopia, a ucronia, a metatopia e a metacronia. A alotopia apresenta-se como uma subdivisão do mundo real, entretanto, retratando elementos fantasiosos, que, em suma, tentam convencer o leitor sobre a autenticidade do mundo fantasioso em detrimento da autenticidade do mundo real. A utopia, etimologicamente falando, significa o “não lugar”, pois trata-se de uma clara projeção que visa, geralmente, demonstrar o mundo como ele “deveria ser”. A ucronia trata-se de uma outra forma de projeção que parte do pressuposto “se algo que aconteceu não tivesse acontecido dessa forma” para criar uma realidade alternativa. Finalmente, a metatopia e metacronia são definidas como projeções futuras, porém sem apresentar um enorme distanciamento temporal ou tecnológico do período hodierno. No entanto, para as análises referentes a esse trabalho, serão utilizadas, com maior ênfase, a vertente utopia e, especialmente sua derivação, a antiutopia ou distopia (ECO, 1989).

Eventualmente, pode-se considerar que uma das vertentes mais ligadas aos parâmetros da ficção científica moderno é a distopia. Isso porque, quando se trata de elencar uma crítica

que visa denunciar os padrões de comportamentos, políticos ou culturais, essa projeção desempenha um papel preciso e eficiente. Dessa forma, fica evidente que esse viés filosófico/literário, quando construído de forma perceptível e verossímil, executa um importante papel no destaque e na crítica de possíveis ameaças futuras, tópicos que serão discutidos com maior ênfase nos capítulos posteriores.

2.3 AS PONTES DA VEROSSIMILHANÇA

Em determinados momentos, durante uma leitura ou contemplando alguma obra artística, é comum deparar-se com sensações de afeto ou desprezo por algum personagem. Tal sentimento tem sua origem na apresentação dos personagens e na construção do cenário, pois é nesse momento que suas características, descritas e ilustradas pelo autor, dialogam com as noções de admiração e repulsa dos espectadores. Essas noções, embora sejam direcionadas aos personagens fictícios, baseiam-se na percepção da realidade e nas experiências anteriores dos indivíduos. Aceitar ou não a veracidade do que está sendo exposto passa a ocupar o segundo plano da obra, dando espaço para os sentimentos de empatia, indiferença ou desprezo de tal forma que, no final, não se trata de aceitar ou não que o leão grande e dourado fala, mas sim, quais sentimentos esse mesmo leão desperta no leitor.

A partir dessa ideia, compreende-se que, para viabilizar o seu trabalho, os autores em geral lançam mão de diferentes ferramentas indutivas que auxiliam suas obras no processo de propagação de ideias. Uma dessas ferramentas, utilizada tanto na arte quanto na literatura, de forma espontânea ou planejada, é a verossimilhança. O conceito de verossimilhança é abordado com certo enfoque no livro *A Poética Clássica* (1985), do filósofo grego Aristóteles, na qual ele delimita verossimilhança como estratégia necessária para a construção do cenário imaginário na literatura. Dessa forma, o texto é construído com a intenção de convencer o leitor das verdades e inverdades que constituem a narrativa. Nessa perspectiva, fica clara a importância da verossimilhança na construção dos cenários fictícios, portando-se como elo entre o real e o irreal, servindo como uma espécie de contrato ficcional entre o leitor e o autor.

Apesar de visível a importância da verossimilhança no desenvolvimento das narrativas no geral, é na ficção científica que vemos a sua aplicação posta à prova, visto que o grau de aceitabilidade daquela realidade por parte do espectador pode prejudicar a obra como um todo.

Diante disso e das análises dos textos base para a escrita desse trabalho, pode-se inferir pelo menos duas formas dessas narrativas não atingirem seus objetivos previamente propostos.

A princípio, deve-se considerar verossimilhança como uma projeção do real, assim como as figuras projetadas nas paredes da alegoria da caverna de Platão, que eram, na verdade, sombras produzidas a partir da incidência da luz emitida por uma fogueira sobre estátuas. Depreende-se, portanto, a necessidade da existência de um elo, mesmo que pequeno, entre o verossímil e o inverossímil, para que o estranhamento do espectador para com a realidade da obra não seja maior do que sua capacidade de aceitá-la. Essa premissa é válida também para as percepções do leitor para com a realidade usada como base para o texto, visto que os conhecimentos prévios do leitor atuam de forma ativa na compreensão do que se lê e de como se lê. Em outras palavras, pode-se comparar, de forma tipificada, essa divergência no entendimento do elo real/ficcional, utilizado pelo autor na construção da narrativa, com a inabilidade de um indivíduo – oriundo, pertencente a uma região gélida e sem acesso a influências visuais externas – em idealizar padrões de cores que inexistem em seu meio.

Outra forma das narrativas de ficção científicas não atingirem suas propostas é por meio da auto invalidação. Entende-se como uma auto invalidação quando, no decorrer da obra, ela apresenta conflitos na autenticidade da existência ficcional que ela mesma propôs, outrossim, quando a obra demonstra um enredo ou a construção de um cenário contraditórios. Eco (1994) exemplifica tal situação utilizando uma citação de Dolezel sobre a construção do livro de Alain Robbe-Grillet, *La maison de redez-vous*, o qual apresenta uma exibição de fatos, cenário e organização temporal confusas e conflitantes.

Em síntese, fica esclarecido que a função da verossimilhança no contexto das narrativas de ficção científica é criar um ponto de apoio no qual as obras poderão embasar-se e progredir. A dimensão desse elo real/ficcional é irrelevante, tendo em vista que o autor deva se sentir livre para conduzir o texto da maneira que achar conveniente, atendo-se, pelo menos, ao mínimo vínculo com a realidade, em prol de não provocar no espectador estranhamentos inadequados.

Em conformidade com as noções acerca da relação entre a verossimilhança e as narrativas de ficção científica pode-se traçar um panorama de quais elementos reais e de como eles são utilizados na construção das projeções utópicas e distópicas.

3. DISTOPIA COMO CRÍTICA AO CONTROLE E MONITORAMENTO DO INDIVÍDUO

3.1 O OLHAR DISTÓPICO

Tamanha instabilidade, observada na modernidade descrita por Bauman (2001), gera sentimentos de ansiedade e insegurança para com o futuro. Esse mal estar, expresso no período hodierno, apresenta muitas particularidades, causas e consequências, afetando desde a vida privada do indivíduo, até o inconsciente coletivo de toda uma sociedade. Nesse ínterim, talvez a vertente literária/cultural que melhor capta esses sentimentos de medo, incerteza e insegurança seja a distopia.

Entende-se por distopia o desdobramento de um cenário que apresenta características de desesperança, dificuldade e decaimento (QUEIROGA; LIEBIG, 2008), além de procurar apontar um problema no presente em prol de evitar suas consequências no futuro. Nessa perspectiva, as narrativas distópicas visam descrever uma realidade dissonante, usando como base para sua projeção o mundo real. Na trilogia *The Hunger Games*, Collins (2010), por exemplo, o leitor é apresentado à região de Panem, baseada no mapa dos Estados Unidos, a qual é dividida em treze distritos, os quais cada um possui uma funcionalidade para a manutenção do Estado, mais especificamente da Capital. A partir da definição geográfica do cenário, a autora desenvolve o caráter distópico da trama, o qual é construído e sustentado por ações abusivas e inumanas de um governo autoritário, que exaure a força de trabalho dos distritos em prol de propiciar abundância e luxo aos habitantes da Capital. Além disso, para evitar um levante ou revolução contra o governo, a administração de Panem promove uma espécie de matança entre alguns membros, selecionados como “tributos”, de cada distrito. Essa matança é organizada em forma de jogos e funciona como uma maneira da capital revalidar seu controle sob os distritos e sufocar qualquer sentimento ou intenção contrária ao governo.

Na discussão acerca dos temas que permeiam as consequências da pós modernidade, as narrativas distópicas exercem um importante papel crítico, assim como exerceram também em diversos outros momentos da história humana, desde seu surgimento. Em primeiro lugar, faz-se necessário destacar o viés analítico das narrativas distópicas, isso pois, por se tratar de uma projeção do real, a distopia visa apontar aspectos inerentes do seu ponto de partida,

ressaltando os perigos e prejuízos de uma suposta ameaça. Bauman (2001), ratifica a relevância das narrativas distópicas quando cita os autores Orwell e Huxley - em referências às obras *1984* e *Admirável Mundo Novo* - para ilustrar o caráter crítico que elas carregam consigo: “Orwell e Huxley não discordavam quanto ao destino do mundo; eles apenas viam de modo diferente o caminho que nos levaria até lá se continuássemos suficientemente ignorantes, obtusos, plácidos ou indolentes para permitir que as coisas seguissem sua rota natural”.

Além disso, as projeções distópicas tendem a estarem atreladas ao período no qual foram produzidas, visto que os medos, anseios e angústias mudam com o passar das eras (BAUMAN, 2001). É observável também que, apesar das suas ligações com seus respectivos períodos, as narrativas distópicas apresentam algumas características inatas, como uma atmosfera negativa, pessimista e em declínio. Por exemplo, o filme *Watchmen* (SNYDER, 2009), baseado nas histórias em quadrinhos homônimas, o qual retrata em seu início algumas cenas referentes a acontecimentos anteriores à narrativa principal, que mostram situações ligadas a um passado glorioso de heróis que, com o passar dos anos, vai entrando em decadência e se restaurando novamente para o período hodierno. Essas cenas sequenciais e que fazem um claro paralelo entre a ficção com acontecimentos históricos e da cultura pop, podem ser analisadas como uma história própria, expressando o declínio de gloriosos heróis e relações com acontecimentos aparentemente distópicos. É claro que o intuito desse momento inicial do filme é outro. Entretanto, como uma narrativa distópica própria, ele não manifesta o grau de criticidade “completo”, justamente por estar deslocado do tempo no qual essa crítica poderia estar ligada a uma preocupação com o futuro (SNYDER, 2009).

Ratificando a afirmação anteriormente dita, a distopia apresenta seu caráter crítico ligado ao momento de sua produção. Utilizando as narrativas utópicas como exemplo, pode-se observar que elas também trazem essa crítica ligada ao seu período, visto que, ao escrever *A utopia*, More (2001) não tinha a intenção de projetar uma terra extraordinária com diferentes costumes para criticar a Inglaterra anterior ao seu nascimento, mas sim apresentar à Inglaterra contemporânea de seu tempo um ponto de chegada ideal, um objetivo inalcançável, porém, que poderia funcionar como um norte para sua realidade.

No que se refere a como as distopias dialogam com a realidade, deve-se levar em consideração o já citado elo da verossimilhança. Assim como a associação funciona como uma ferramenta para auxiliar a memória, criando entrelaçamentos de ideias, os quais facilitam

a busca no banco de dados da lembrança, ela também funciona como um ambiente fixo no qual você pode tomar impulso durante uma leitura ou análise. Desse modo, pode-se relacionar as narrativas de ficção científica no geral como um muro de escalada no qual o enredo é a parede e os vínculos com o mundo real são as agarras. Além disso, tomando essa associação como exemplo, pode-se depreender que o leitor ou espectador, ao notar algo que seja familiar aos seus conhecimentos prévios, crie suas próprias “agarras”, as quais servirão como suporte para sua jornada ao longo da obra. Não obstante, quando a obra apresenta poucos vínculos com o que se entende como realidade, a trajetória do receptor torna-se cada vez mais árdua e maçante, exemplo disso são produções que apresentam um vocabulário muito rebuscado ou específico de uma determinada área ou época.

Portanto, para desenvolver seu diálogo com a realidade, as narrativas distópicas tendem a visar a manutenção desses vínculos com o real, a verossimilhança, visto que são unidades básicas para o entendimento do espectador. Ademais, para tornar esse diálogo mais fluido, o contexto das obras deve estar atrelado à alguma temática do seu período. Por exemplo, em *1984*, com primeira publicação em 1949, George Orwell aprofunda discussões sobre o controle das massas e do indivíduo, por um Estado totalitário e onipresente, enquanto, no mesmo período, o nazismo alemão expandia seu território e escandalizava o mundo com suas práticas absurdas de eugenia.

Outro exemplo de narrativa distópica que visa alertar o espectador usando uma temática atual é a animação americana *WALL-E* (STANTON, 2008). No filme, os problemas com relação a produção de poluentes pela humanidade são levados ao seu extremo, a ponto de tornar a Terra um local inapropriado para vida. Até que, em determinado momento do filme, é encontrando uma planta em solo terrestre, o que simboliza a esperança de retornar a vida para o planeta. Dessa forma, a obra visa conscientizar o espectador usando o exagero proveniente das distopias, analogamente aos escritos de *Cândido* (2006), que realça o artifício do exagero, usado com frequência na teoria crítica, com o intuito de iluminar com veemência os problemas presentes que podem se tornar complicações maiores no futuro.

Analisando o desenvolvimento do gênero distópico no cenário moderno, pode-se apontar alguns dos muitos meios pelos quais essas narrativas estão se expandindo pelos mais diversos nichos. Pode-se citar como exemplo, dentro do gênero das ficções científicas, a utilização das distopias nos subgêneros com sufixo “punk”. Em geral, as narrativas “punk” (steampunk, cyberpunk, biopunk, etc) têm seu foco nos avanços tecnológicos em diferentes

tipos de cenários e tramas, além de, costumeiramente, apresentar os personagens principais à margem da sociedade, demonstrando assim uma face distópica de uma premissa utópica (VILTO REIS, 2020).

Em síntese, caracteriza-se como distópicas aquelas narrativas que apresentam uma realidade em declínio, nas quais pode-se destacar sentimentos de desesperança, desencanto e impotência. São cenários nos quais reinam atmosferas pessimistas e controladoras, nas quais, geralmente, existe a supressão das ações dos indivíduos e a manipulação das massas. Tudo isso em prol de apresentar críticas às desigualdades e às assimetrias do mundo real, o que, de certa forma, dialoga com a tendência das distopias de abordarem temáticas referentes ao seu período de produção. Ademais, é necessário elencar que, embora pareçam ideias contrárias, as vertentes utópicas e distópicas apresentam uma mesma funcionalidade, sendo ela manifestar críticas a partir de uma projeção do mundo real.

Tendo em vista as ideias que foram discutidas, pode-se, agora, adentrar nas causas e consequências que permeiam as questões de privacidade, subjetividade e autonomia propostas por esse trabalho e, em seguida, analisar como essas questões são apresentadas em uma das muitas narrativas distópicas atuais.

3.2 MONITORAMENTO E CONTROLE

O filme americano *Minority Report* (DICK, 2002) é uma ficção científica desenvolvida em um cenário que remete ao conceito de cyberpunk: uma sociedade tecnologicamente avançada, porém, que apresenta uma clara desigualdade social, marginalizando parte da população. Nesse cenário, o espectador é apresentado a um sistema de monitoramento de crimes, o PreCrime, o qual tem a funcionalidade de prever os crimes antes que eles aconteçam, possibilitando, assim, que a força policial especializada interrompa e capture o criminoso antes da realização do ato. Esse sistema de vigilância é descrito no filme como indiscriminatório e infalível, este último mostrando-se ser uma inverdade, visto que, algumas vezes, existe dissonância entre os componentes do PreCrime, demonstrando haver mais de uma interpretação para a situação criminal denunciada (BAUMAN, 2014). Essas dissonâncias são chamadas de “*minorityreport*” (relatório minoritário) e são, em sua totalidade, descartadas pelo sistema para que não exista dúvidas sobre a eficácia do projeto. Uma das premissas que podem ser analisadas da trama do filme é o conceito de vigilância

sendo levado ao extremo, a ponto de deixar de ser algo discutível e entrar para a linha da normalidade, do que é aceito – ou não – via contrato social entre indivíduo e órgãos de vigilância pública e privada. Esse conceito de vigilância que inunda todas as camadas sociais, todos os ambientes físicos e camufla cada vez mais a figura do vigilante é descrita por Bauman (2014) como “vigilância líquida”.

O conceito de vigilância líquida é proposto e construído ao longo do livro homônimo, no qual contém os diálogos entre Zygmunt e o professor de sociologia David Lyon. Durante esses diálogos, Bauman e Lyon apresentam seus pontos de vista acerca do tema da vigilância e de como essa prática, atrelada ao sentimento de segurança, tem ficado cada vez mais consolidada ao longo dos anos. Na obra é discutido, além das ideias que alicerçaram o sistema de vigilância em sua origem, as atribuições do sistema atual, o qual é descrito como compartilhado e onipresente (BAUMAN, 2014).

O processo de evolução da prática de vigilância segue os modelos de um “panóptico”, que significa “lugar de onde tudo se vê”, ideia proposta inicialmente pelo filósofo iluminista inglês Jeremy Bentham. Esse modelo de vigilância foi utilizado, também, pelo filósofo social francês Michel Foucault como arquimetáfora para ilustrar as relações de poder no âmbito moderno (BAUMAN, 2001). O sistema de vigilância prisional proposto por Jeremy consistia em posicionar guardas em uma estrutura estrategicamente disposta, na qual os guardas pudessem observar os presos sem anunciar suas referentes posições. Dessa forma, os presos não saberiam ao certo em qual momento e por quem estariam sendo vigiados, portanto, as chances de efetuarem algo que transgredisse as regras prisionais eram reduzidas (BAUMAN, 2001).

No conto *O Poço e O Pêndulo* (POE, 2011), o autor descreve na narrativa uma prisão que utiliza uma espécie de sistema panóptico para vigiar o protagonista. Primeiramente, é atenuado na narrativa que o prisioneiro não tinha noção das dimensões de sua cela, pois esta se encontrava em total escuridão. Ao longo da trama, o prisioneiro vai explorando e conhecendo seu cárcere a ponto de descobrir que existia uma portinhola no teto, a qual tinha a funcionalidade de permitir que seus captadores acompanhassem seus passos, com o fim de controlarem quais estímulos cruéis poderiam aplicar no cativo (POE, 2011).

Já no que se refere às relações de poder, pode-se encontrar, nos trabalhos de Foucault, como esse sistema é utilizado para relacionar as questões de monitoramento e controle. Para o filósofo francês, o sistema prisional tem o intuito de moldar o caráter individual do

prisioneiro, exercendo um poder de cima para baixo. Além disso, segundo Foucault, essa relação de poder desenvolve-se além das paredes de um presídio, seguindo a famosa premissa de “saber é poder” (BAUMAN, 2001). Contudo, não é como se quem gozasse do conhecimento obtivesse automaticamente poder, mas sim, quem detém o poder pode controlar o conhecimento dos demais, o que fica claramente ilustrado em algumas narrativas distópicas. Na obra *1984* (ORWELL, 2003), o governo é dividido em ministérios, os quais têm a função de manipular as informações que chegam para as massas, reescrevendo a história, distorcendo notícias e direcionando os sentimentos de insatisfação para alvos em destaque, no caso às nações inimigas *Eurásia* e *Lestásia*. Em *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 1953), a sociedade foi condicionada, através dos mecanismos de poder, a rechaçar qualquer tipo de arte ou manifestação cultural escrita, dando espaço para entretenimentos televisivos que não agregam ao indivíduo um pensamento crítico sobre as questões sociais.

Ademais, como consequência dos avanços tecnológicos, um dos problemas encontrados na arquitetura do sistema panóptico antigo foi resolvido, o que leva a considerar o cenário moderno um pós-panóptico. Isto é, a necessidade de ter algum vigia no local para que os alvos fossem observados foi superada e a solução para isso foi pulverizar as atribuições antes conferidas à um panóptico e transferi-las para múltiplas outras sentinelas (BAUMAN, 2001). Dessa forma, a vigilância adentra quaisquer nichos nos quais antes ela era barrada ou encontrava resistência, dividindo-se entre os “panópticos”, multiplica o resultado de vistoria e tudo isso sem transparecer qualquer consequência para os vigilantes. Pode-se encontrar exemplos desses “indivíduos vigilantes” tanto na ficção, como o condicionamento das crianças na obra *1984* que atuavam tal como a figura do Grande Irmão na vigilância dos adultos, como também na vida real com a utilização, por exemplo, das redes sociais. Outro exemplo de monitoramento via múltiplos panópticos no universo da ficção pode ser observado no segundo filme da trilogia de *Batman* (NOLAN, 2008), protagonizado pelo ator Christian Bale. O enredo do longa metragem utiliza como cenário a cidade de fictícia de Gotham, na qual o vilão do filme, o Coringa, arquiteta um plano com o potencial de matar centenas de pessoas. Em prol de localizar o vilão e impedir que ele ative o mecanismo das bombas, Batman utiliza-se de um sistema de monitoramento que funciona como uma espécie de sonar, capaz de obter informações precisas, concedendo a ele uma espécie de onisciência computadorizada. Na trama do filme, tal artifício somente é possível devido a utilização dos aparelhos de

comunicação da população como ponte para repetir e ampliar o sinal do sonar (NOLAN, 2008).

Como já foi mencionado neste capítulo, a prática de vigilância é constantemente relacionada ao sentimento de segurança, ainda mais no período hodierno. Em 2020 – ano referente à produção desse trabalho –, a população mundial está enfrentando uma das maiores pandemias do século, no que se refere ao poder de contágio do vírus SARS-CoV-2. Com o advento da doença e suas características de transmissão, o cotidiano de grande parte da população mundial teve de ser modificado e adaptado para um cenário de restrições e cuidados (popularmente referenciado como “novo normal”) em prol de desacelerar a velocidade de contágio. Tais medidas de prevenção são vistas por alguma parte da população como medidas autoritárias do Estado sobre as liberdades individuais, o que não deixa de ser verdade, levando em consideração, por exemplo, os direitos reservados ao cidadão presentes na constituição brasileira. Monitoramento de movimentação via celular por intermédio das operadoras, utilização de drones para patrulha em áreas de difícil acesso ou para resguardar funcionários da segurança pública e implementação de toques de recolher são alguns exemplos de controles e monitoramentos executados durante o período pandêmico.

Por último – no que se refere à delimitação do *corpus* para análise proposta para esse trabalho– e de igual importância, existe o que se pode ser chamado de “capitalismo de vigilância”, o qual é definido como a comercialização de informações do usuário em benefício às empresas que utilizam essas informações para elaborar produtos, propagandas e serviços. A princípio, imagina-se que esse sistema de captação e comercialização de informações é um sistema de monitoramento que se desenvolve de forma inofensiva à vida privada do indivíduo, entretanto, vale destacar que, ao projetar produtos, propagandas e serviços baseados no perfil de desejos dos “consumidores em potencial” ou “consumidores ideias”, esse sistema de vigilância, movido por linhas de códigos e algoritmos, acaba induzindo o indivíduo ao consumo, como explica Bauman (2014, p. 16): “Um paradoxo aqui é que, enquanto o consumo exige uma sedução prazerosa dos consumidores, essa sedução também é resultado da vigilância sistêmica numa escala de massa”.

Depreende-se, portanto, o vínculo cada vez mais estreito entre as distopias e o mundo real, no que se refere ao controle e monitoramento de forma quase imperceptível, assim como no filme *MinorityReport* (2002) citado no início desse capítulo. Por conseguinte, o indivíduo tende a captar cada vez mais a atenção das “câmeras” para si e a fazer uso delas para captar o

outro, por diversos motivos, que variam entre: sentimento de prazer, sensação artificial de não estar sozinho, segurança física e da propriedade privada, etc. No que diz respeito ao prazer em “ser vigiado”, Bauman (2014, p.88) cita Hegel e modifica a famosa frase de Descartes – “sou visto (observado, notado, registrado), logo existo” – para apontar como a mecânica das redes sociais explora as necessidades de aceitação e pertencimento social do indivíduo em favor de criar usuários cativos nas suas plataformas. Dessa mesma forma, as redes sociais fomentam o interesse não só pelo o que acontece com você e na sua vida, como também com o que acontece no mundo ao seu redor, o que, de certa forma, torna o indivíduo vigiado vigilante da vida de outros indivíduos. Com relação a sensação artificial de não estar sozinho, Bauman (2014) atenua que os sentimentos de alegria ligados ao ato de estar sendo “observado” reprime sentimentos ruins como os de abandono e desprezo. E, acerca da vigilância sendo utilizada para manutenção da integridade física e da propriedade privada, entende-se que tal prática permita a análise mais apurada de dados referentes a crimes, auxilia no gerenciamento policial e corrobora para melhoria na gestão de segurança pública. Apesar disso, a problemática que tange a vigilância em prol da segurança pública e particular vincula-se a questão do vício por parte do indivíduo para com a necessidade de segurança, como demonstra Bauman (2014), a qual salienta o caráter viciante da segurança no cotidiano do indivíduo, a ponto de configurar-se como uma necessidade insaciável e que provoca dependência.

Seguindo essa linha de raciocínio, vale refletir sobre o que, exatamente, as distopias pós-modernas projetam e criticam com relação ao controle e monitoramento ligados às questões íntimas do indivíduo. Além disso, tem-se como necessário discutir como os derretimentos dos valores antigamente consolidados, observado por Bauman (2001), contribuem para o desequilíbrio entre os conceitos de público e privado.

3.3 O MONITORAMENTO SOBRE A VIDA PRIVADA

Um padrão de reality show, mundialmente utilizado, consiste em selecionar um determinado número de participantes, dentre muitos inscritos, para passar alguns meses dentro de uma casa, na qual estão instaladas muitas câmeras e escutas, ligadas 24 horas por dia. Esses dispositivos de vigilância tem a função de captar o maior número de informações possíveis, desde a localização dos participantes dentro da casa até os mais inaudíveis sussurros proferidos entre eles. Tudo isso em prol de um considerável prêmio em dinheiro e a

oportunidade de ascensão em termos de visibilidade midiática. A questão chave presente nesse exemplo para a construção desta seção é demonstrar como a esfera pública vem sendo, durante o processo pós modernidade, duramente sobrepujada pela esfera privada.

O público é colonizado pelo “privado”; o **“interesse público” é reduzido à curiosidade sobre a vida privada de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos melhor)**. As “questões públicas” que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis. (BAUMAN, 2001, p. 46, grifo nosso).

Primeiramente, é necessário definir o que se configura como privado e público. De acordo com a pesquisa de Koehler e Carvalho (2013), pode-se delimitar como privado as informações inerentes ao indivíduo que existem de forma anônima, sendo assim, não pertencentes ao domínio público. Entretanto, quando se trata do mundo pós redes sociais, a linha entre o que pertence ao âmbito privado e ao público torna-se cada vez mais tênue, como ilustra Bauman (2014, p. 15), “o privado é público, é algo a ser celebrado e consumido tanto por incontáveis “amigos” quanto por “usuários” casuais”.

Dessa forma, entende-se que, embora o usuário monte um perfil na rede utilizando as informações que lhe convém, o poder sobre essas informações passa a não pertencer mais ao indivíduo e sim a todo um grupo que tem acesso ao seu perfil, grupo esse que, dado a amplitude da rede mundial de computadores, tem capacidade de abranger a esfera pública por completo (KOEHLER; CARVALHO, 2013). À luz da famosa frase de Freud sobre o tráfego de informações privadas entre o indivíduo e a sociedade a qual ele pertence, “o homem é dono do que cala e escravo do que fala”, pode-se traçar o grau de importância no qual as informações de cunho privado estão inseridas, demonstrando ser artificios que podem tornar o sujeito dependente, de alguma forma, daqueles que detêm dele dados considerados privados. Além disso, a ideia de pertencer a uma sociedade e ao mesmo tempo não ter uma parcela de dados privados exposta online ou sob custódia de algum órgão público ou privado foi superada, como elenca LYON (2014), quando ele enumera alguns mecanismos que detêm informações sobre o indivíduo, tendo ele aceitado deliberadamente ou não.

Tendo em vista as delimitações do que pertence ao âmbito privado e ao domínio público, pode-se agora destacar como esses conceitos dialogam com as questões de controle

e monitoramento do período pós moderno. No que se refere ao sentimento de segurança vinculado à figura de uma câmera ou vigia, pode-se observar que essa é uma ideia vendida com o caráter de proteção, mas que no período contemporâneo, como salienta Bauman (2014), acaba por desempenhar um papel mais próximo do controle. Na tentativa de fugir dos medos que afligem a sociedade como um todo, o indivíduo emprega, no sistema de vigilância, a esperança de uma proteção. Todavia, não apenas isso, pois, a vigilância por si só não é efetiva, o olho que tudo vê não tem poder a menos que “puna” aqueles que fogem do que é considerado “aceitável”. Desse modo, o sistema de vigilância acaba por adquirir a função de observador e regulador do meio que é implementado, privatizando, assim, o espaço público. Nesse quesito, McGreal (1999) destaca o papel da comunidade, visto pelos olhos do arquiteto inglês George Hazelton, e de como ela desempenha a função de vigiar e moldar o espaço público: “Hoje a primeira questão é a segurança. Goste ou não, é o que faz a diferença ... Quando eu cresci em Londres você tinha uma comunidade. Você não fazia nada errado porque todos o conheciam e contariam para seu pai ou mãe”. Sendo assim, pode-se inferir que a vigilância ligada a ideia de segurança funciona como substituta do conceito de comunidade que, por conta da expansão dimensional das cidades e os processos de individualização do sujeito, perde seu poder de vigiar e “resguardar” o meio.

Já no que se refere ao comportamento do indivíduo no meio virtual, pode-se analisar como as relações interpessoais modificaram-se com o advento das redes sociais. Além do já citado capitalismo de vigilância executado pelas grandes empresas nativas ou com ramificações digitais, especialmente as redes sociais no geral, o usuário é instigado, manipulado, “programado” por inúmeros estímulos, visuais, sonoros e comportamentais, construídos com a única função de prender sua atenção pelo máximo de tempo possível, como demonstra o documentário *O Dilema das Redes* (ORLOWSKI, 2020), que visa despertar no espectador questionamentos acerca do uso das redes sociais. Dessa forma, pode-se considerar que a manutenção de um perfil em uma rede social capta mais tempo de algumas pessoas que outras atividades cotidianas, como as atividades familiares, profissionais, de entretenimento, etc. Sendo assim, em virtude do tempo gasto em um perfil online, depreende-se que as conexões formadas entre os usuários podem ser caracterizadas como uma espécie de “comunidade gerida pelo sujeito”, na qual o usuário pode administrar: incluindo ou excluindo pessoas, externalizando sentimentos e situações privadas de si ou dos

outros em prol de “produzir conteúdo”, compartilhando ideias e pontos de vista, etc (ORLOWSKI, 2020).

Essa comunidade online gerida pelo sujeito refere-se ao número de perfis existentes em determinada rede social, na qual o usuário tem acesso ao conteúdo que outros indivíduos publicam, sendo que estes também têm acesso ao conteúdo publicado pelo usuário. Esses perfis correspondem a amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos, que podem ser excluídos (“amizade desfeita” como no Facebook ou receber “*unfollow*” como no Instagram, por exemplo), silenciados (para que as coisas que compartilham não sejam mais apresentadas) ou bloqueados (encerrando assim a possibilidade de entrar em contato com o usuário usando aquela plataforma). Tudo isso feito de forma silenciosa para não alertar ou melindrar o usuário que está sendo afastado. Dessa forma, o indivíduo acaba por criar ou ser integrado, de maneira consciente ou inconsciente, em uma “bolha social”. O fenômeno da bolha social pode ser definido como o ápice da ideia de comunidade. É o ambiente que tende a ser perfeito, com o mínimo de intromissão “externa” e ideologias que não harmonizem com a opinião do grupo ou do usuário. Além disso, formado a partir da interação do usuário com a plataforma e o monitoramento de suas ações, as redes sociais tendem a pôr em evidência os conteúdos mais relevantes para o perfil: postagens das pessoas que ele geralmente curte, vídeos de alguém que ele assiste com frequência, etc. Tudo isso em prol de captar a maior atenção e tempo possíveis do indivíduo. Entretanto, esse afunilamento de informações viabiliza graves consequências para a esfera pública e privada no que tange a polarização política e ideológica, além da propagação de discursos de ódio.

Em síntese, entende-se que a vigilância e o controle ocorrem desde a formação do conceito de comunidade, funcionando como elemento do padrão de vida social. Entretanto, no que se refere ao período hodierno, observa-se o anseio crescente do indivíduo pela vigilância, a qual é executada tanto por câmeras de segurança quanto pela coleta silenciosa de dados do usuário via internet. Desse modo, as linhas que delimitavam a vida privada e o âmbito público podem passar a se confundir de tal forma que o privado se torna público e o interesse público passa a existir apenas para satisfazer as necessidades do privado.

4. BLACK MIRROR

No que se refere às narrativas ficcionais atuais, desenvolvidas de modo seriado, a ficção britânica *Black Mirror* (BROOKER, 2011) destacou-se por desenvolver enredos críticos, contemporâneos e sem um vínculo claro uns com os outros, podendo ser discutidos como narrativas completas – com início, meio e fim – decorridas ao longo de um único episódio. Transmitida pela primeira vez em 2011 pela emissora britânica Channel4, a série foi comprada em 2015 pela provedora global de filmes e séries televisivas, Netflix, a qual encomendou de antemão duas temporadas a mais (a terceira e a quarta). As temáticas abordadas na série geralmente são vinculadas a um contexto de realidades distópicas utilizando avanços tecnológicos talvez não muito distantes de serem descobertos ou implementados no mundo real. A série, no período de escrita desse TCC, conta com cinco temporadas. Embora diversos episódios da série possam ser analisados de forma a dialogar com os temas em questão (controle e monitoramento), apenas três foram selecionados: *Queda Livre* (3ª temporada), *Odiados pela Nação* (3ª temporada) e *Arkangel* (4ª temporada), para que a premissa desse trabalho fosse alcançada. Sobre os três episódios selecionados pode-se salientar que ambos apresentam vínculos com os assuntos anteriormente discutidos, porém, apresentando um ponto de vista totalmente único sobre tais.

4.1 O MONITORAMENTO DA VIDA PRIVADA EM QUEDA LIVRE

O episódio *Queda Livre* (Nosedive, originalmente em inglês) é o primeiro episódio da terceira temporada lançada em 2016. A trama do episódio acontece com enfoque na personagem Lacie Pound, a qual vive em uma sociedade que administra as relações interpessoais através de uma rede social. Essa rede social categoriza as pessoas utilizando um sistema de pontuação (Figura 1), o qual vai de 0 a 5, sendo designado àqueles com a pontuação 5 o título de “qualityPearson” ou “influenciador”. Para a atribuição de pontos, cada pessoa vota usando seu smartphone, o qual tem acesso aos perfis online dos usuários e é vinculado com uma lente ocular que exibe a pontuação das pessoas abaixo do nome delas. O decorrer do episódio descreve a jornada de Lacie na busca por ampliar seu círculo social até as pessoas com maiores pontuações, as quais, porventura, proporcionam maiores valores em seus votos.

Tudo isso em prol de conseguir a contagem necessária para alcançar uma redução no valor de aluguel em um ambiente considerado de alto nível.

Figura 1 - Pontuação



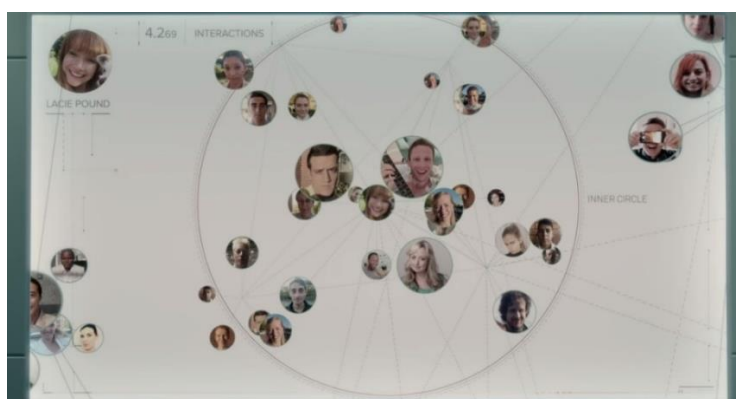
Fonte: BLACK, 2016a.

O episódio a ser analisado aborda diversos temas, dentre eles, a liquefação das relações humanas interpessoais, o controle do indivíduo através de estímulos (sonoros e visuais), veiculação de informações consideradas privadas ou íntimas do indivíduo disponibilizadas pelos próprios usuários (por meio do perfil), aperfeiçoamentos na amplitude do círculo social em prol de crescimento midiático e o vício em redes sociais. Durante a análise desse e dos outros episódios, todos os pontos expostos serão desenvolvidos e relacionados com acontecimentos de seus respectivos enredos.

O conceito de conexões, como já citado nesse trabalho – mais precisamente, no primeiro capítulo–, é o sistema discutido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2014), vigorado após o advento das redes sociais, substituindo, gradativamente, as relações e vínculos humanos. Na trama do episódio Queda Livre, esse sistema é caracterizado pela plataforma a qual as pessoas usam para interagir umas com as outras. Diferente das redes sociais como são comumente conhecidas, a plataforma apresentada no episódio é utilizada para diversas ocasiões do cotidiano humano, desde entretenimento e vida profissional, até métodos de atribuições de privilégios, sejam eles voltados para conforto e status ou para a aquisição de serviços médicos especiais, como é citado no episódio. Nesse caso, pode-se inferir que a

sociedade, como um todo, utiliza-se desse sistema (ativamente ou passivamente) de acordo com a dependência do usuário para com o uso da plataforma. Sendo assim, pode-se considerar que as interações, nessa e por essa rede, inundam todas as camadas do cotidiano, viabilizando assim que relacionamentos humanos sejam solapados e liquefeitos para que se encaixem nas preferências do usuário (Figura 2).

Figura 2 - Círculo social de Lancie (conexões)



Fonte: BLACK, 2016a.

Desse modo, ameaçado por todos os lados (todas as vertentes as quais utilizam a rede social para gerir as relações), o indivíduo dificilmente vê outra escolha, senão, entregar-se ao controle público e adaptar-se ao sistema. Entregar-se ao controle significa guiar suas escolhas a partir do que é tido como “popular” ou “tendência”, transferindo assim seu poder de escolha para o domínio do outro. Assim sendo, o indivíduo configura-se aos moldes criados pelo público, polindo as arestas de sua personalidade até que ela se encaixa no padrão requerido socialmente. Esse padrão é propagado pelos usuários, porém, iniciado pelas pessoas que detêm o poder de influência: celebridades, influencers, figuras públicas, etc. À vista disso, Bauman (2001) reitera o poder de autoridade que celebridades e figuras públicas detêm acerca de seus discursos e suas ações, criando a partir deles um caminho a ser seguido. Todavia, o próprio conceito de celebridade e figura pública, no período que sucede o advento das redes sociais, foi modificado. Essa modificação ocorreu por conta de uma pulverização gradual da fama, sendo ela atribuída agora às pessoas antes consideradas “comuns”, por suas vidas não envolverem exposição pública. Sendo assim, qualquer pessoa pode dispor de um certo poder de influência, o qual varia de acordo com o alcance da fama adquirida, podendo ser de escala local, regional, nacional ou global.

Depreende-se, portanto, que a forma com a qual o controle desempenha seu papel na trama é por meio do sistema de avaliação. Esse sistema, embora mutável (de acordo com o votante), funciona como uma forma de “endireitar” ou punir o indivíduo, para que ele permaneça em uma linha padronizada. Desse modo, o sujeito fica à mercê da opinião do público votante para decidir qual escolha tomar. Essa opinião, transmitida por meio do voto, é acompanhada de um estímulo visual e sonoro os quais têm a função de ativar no usuário sentimentos de prazer, quando este recebe a pontuação desejada e sentimentos de frustração, quando não a recebe. Logo, pode-se constatar que o usuário não é apenas refém das opiniões, como também, dos estímulos que elas o proporcionam.

Além disso, em prol de se bem avaliado e ter uma maior visibilidade midiática o indivíduo precisa lançar mão de duas coisas: criação de conteúdo e um círculo amplo de conexões com pessoas influentes. No que se refere a criação de conteúdo, fica superada a ideia de que esse conteúdo tenha que ser, necessariamente, algo que entretenha, diretamente, ou instrua o espectador. Isso pois, de acordo com a concepção anteriormente citada de Bauman (2001) sobre os interesses públicos acerca da vida privada, pode-se compreender que disponibilizar informações sobre si mesmo já é um conteúdo a ser potencialmente consumido pelo público. Assim como exhibe o episódio, os lugares para onde você viaja, atividades em família, interações com seus pets, exatamente tudo pode ser aproveitado, consumido e julgado, haja vista que, a “linha do tempo” de postagens dos usuários também é passível de votações. Dessa forma, o indivíduo entrega, de bom grado, por prazer ou pela oferta, sua privacidade (BAUMAN, 2014), conferindo ao outro, ao público, o poder de julgar se sua vida é interessante o suficiente para um “like”.

Não obstante, para obter o êxito na escalada midiática na rede social presente na trama, é necessário – e prazeroso– que, além da população geral, um grupo específico tenha interesse em sua vida, os *influencers*. Esse grupo é composto, majoritariamente, por pessoas as quais têm como o ofício – primário ou secundário– vender sua opinião, marca, serviço ou imagem para outros usuários. Dessa forma, as ações ou ideias propagadas por esses perfis carregam consigo o poder de autoridade muito maior do que qualquer outro usuário comum. Por essa razão seus votos no episódio são de extrema importância, tanto para elevar a pontuação do usuário quanto para reduzi-la. Sendo assim, qualquer esforço para impressioná-los ou alcançá-los é justificável: análise de círculo social (para saber quais conexões valem a pena cultivar), bajulação, apaziguar repulsas ou sentimentos negativos por essas pessoas, etc. (Figura 3).

Figura 3 - Treinamento do discurso de Lancie para o casamento de Naomi



Fonte: BLACK, 2016a.

Por fim, é importante destacar o poder das redes sociais no que se refere a manter o usuário dependente do seu uso. Para tanto, lançaremos mão da alegoria do Mito da Caverna (PLATÃO, 1993) em paralelo com o episódio. Na caverna, os prisioneiros estão amarrados e enxergam na parede a sua frente apenas projeções, sombras, de elementos reais. Posteriormente, um dos prisioneiros consegue se desvencilhar das amarras e avança, por vontade própria, rumo à saída da caverna. Durante o percurso o indivíduo descobre os objetos reais os quais tinham as sombras projetadas na parede. Logo após, a saída da caverna o espera, sua liberdade, porém, não sem antes apresentar uma subida difícil e dolorosa.

Analogamente, no universo ficcional de Queda Livre, o indivíduo é “limitado” a interpretar o mundo ao seu redor através da plataforma de interação social, enxergando de forma superficial uma projeção da vida dos outros usuários, por meio do que eles apresentam no perfil. A protagonista do episódio, diferente do prisioneiro na caverna, procura continuar presa às suas limitações. Entretanto, por casualidade, Lancie é tragada para fora da “caverna”, sendo destituída do patamar no qual ela se via confortável. Essa destituição ocorre a partir de um processo de queda acentuada na pontuação da personagem, o qual acontece devido a uma sucessão de acidentes e mal entendidos durante sua ida ao casamento da amiga de infância, o que impele a personagem para fora do meio que a limitava. Essa mudança abrupta na vida da personagem, em sua forma de interagir com as pessoas e consigo mesma, dialoga com o título do episódio. Queda Livre – tradução escolhida para o episódio– remete a um decaimento total, sem controle, no qual não existem obstáculos ou amparos que possam frear a queda, que nesse

caso trata-se de uma queda rumo às interações interpessoais reais, como sugere o final do episódio.

Em síntese, o primeiro episódio da 3ª temporada visa construir uma ponte entre a realidade vigente no período hodierno e um futuro no qual as ferramentas, que funcionavam para viabilizar uma fluidez nas relações interpessoais, começam a controlar o modo de agir do indivíduo, fazendo com que ele preze pela receptibilidade do seu perfil pelo público em detrimento de sua personalidade. Dessa forma, o indivíduo acaba por se configurar como um objeto da vontade pública, apresentando personalidade e sentimentos maleáveis.

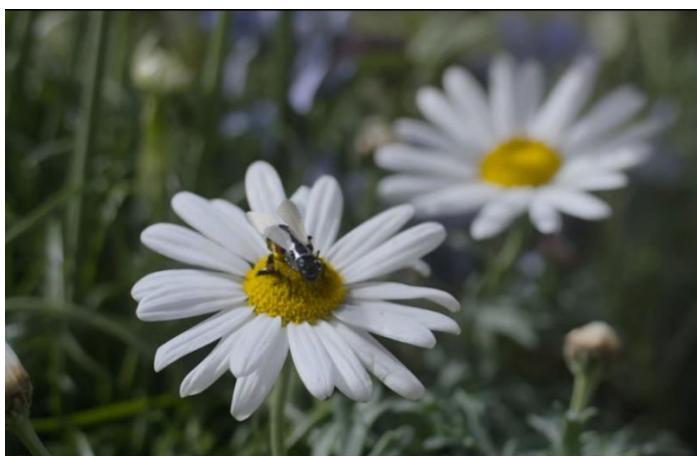
4.2 VIGILÂNCIA E PUNIÇÃO EM ODIADOS PELA NAÇÃO

Dando sequência às análises dos episódios propostos, discutiremos a maneira com a qual a vigilância líquida é apresentada como um mecanismo de linchamento social na trama de *Odiados pela Nação*, último episódio da terceira temporada da série. Lançado no ano de 2016, assim como o episódio anteriormente abordado, *Odiados pela Nação* traz consigo temas precisamente relacionados com o momento atual, no que se refere ao posicionamento do indivíduo e sua relação com o outro através das redes sociais. O enredo do episódio inicia utilizando uma cena não linear provinda do final da narrativa, fundamentando a trama nos relatos da Detetive Karin Parke. A protagonista encontra-se em um tribunal, no qual ela apresenta sua versão acerca dos acontecimentos do último caso em que participou. Karin foi a detetive responsável por investigar – e posteriormente tentar evitar –, com a ajuda de sua parceira, Blue Coulson, algumas mortes envolvendo indivíduos que sofreram ataques verbais em redes sociais devido a seus discursos ou a suas atitudes socialmente repreensíveis – ou representadas como tais.

As mortes dessas pessoas são ocasionadas por um mecanismo autônomo robótico em formato de abelhas que tinha como função primordial substituir as abelhas reais no processo de polinização, sendo assim, de suma importância para a manutenção do ecossistema (Figura 4). Além disso, como fica exposto no decorrer do episódio, as abelhas são munidas de um sistema de reconhecimento facial, o qual é utilizado pelo governo para fins de espionagem. Entretanto, após a captação desse sistema por um hacker (antigo funcionário da empresa responsável pelo projeto), as abelhas mecânicas começaram a atuar como algozes que executavam a sentença de acordo com um outro sistema, dessa vez por meio de uma forma de

votação, que acontece por meio de uma rede social. Através do sistema de votação, processado pelo uso de *hashtags*, os usuários – consciente ou inconscientemente– votam para que uma pessoa seja morta até o final do dia. A votação inicia às 00 horas e termina 17 horas, sendo que entre as 17 horas e 23:59 a sentença é executada, o que reinicia o processo de votação, condenando mais um indivíduo à morte.

Figura 4 - Abelhas-drones



Fonte: BLACK, 2016b.

É dessa forma que *Odiados pela Nação* revigora discussões acerca de assuntos relacionados ao período hodierno, sendo alguns deles: visibilidade e julgamento, indignação exponencial, colateralidade no uso das ferramentas tecnológicas (tanto a rede social quanto as abelhas autônomas), cultura do cancelamento e a liquefação da culpa.

À luz do conceito já citado de comunidade, por Bauman (2001), entende-se que as informações compartilhadas no corpo social eram passadas de pessoas para pessoas através das interações entre os habitantes, conversas, fofocas, debates, etc. Do mesmo modo, as redes sociais estruturam-se para disseminar esse sistema de vigilância e veiculação de informações através das conexões entre os usuários. Nesse ínterim, devido as configurações das plataformas, as redes sociais prezam por manter em destaque os assuntos que estão sendo mais discutidos entre os usuários no momento. É dessa maneira que tendências e brincadeiras em forma de desafios são criadas e “viralizadas” entre os usuários, bem como acontece com a exposição de atitudes ou discursos que são socialmente intoleráveis.

No episódio, o que as três primeiras vítimas das abelhas autônomas apresentavam em comum era o sentimento negativo, de desprezo ou rejeição, que essas pessoas provocaram nos

internautas. A partir da ativação desse gatilho na concepção moral coletiva, os usuários que se sentiram ofendidos, afetados ou que simplesmente queriam intensificar as discussões acerca das atitudes consideradas errôneas dessas pessoas, começaram a propagar o perfil dos usuários como alvos a serem expostos e julgados.

A princípio pode parecer que esse processo de exposição e julgamento desenvolve-se como algo natural – pois assemelha-se ao sistema das comunidades humanas– e benéfico à sociedade, visto que a condenação de atitudes errôneas supostamente evitaria que elas fossem repetidas no futuro. Entretanto, essas premissas configuram-se como equivocadas, primeiramente porque elas não se assemelham ao sistema natural, pois as conexões das redes sociais permitem que uma informação, um perfil e/ou uma pessoa sejam expostos e julgados a nível nacional e global. Em segundo lugar, o próprio sistema de vigilância comunitária demonstrou-se, muitas vezes na história humana, ser um processo cruel que condenava a vida de pessoas por atitudes corrigíveis ou acusações sem provas.

Além disso, quando se trata do processo de julgamento pelos outros usuários, observa-se que, diferente do que aparenta, é um sistema que visa punir e denegrir o indivíduo e não condenar a atitude ou discurso por ele produzido. Dessa forma, o resultado final desse tribunal virtual público, o qual não abre brecha para uma defesa ou arrependimento, é o linchamento virtual desse perfil, trazendo consequências reais para o usuário, visto que, tanto no universo do episódio quanto na vida real, diversas áreas do cotidiano humano utilizam e verificam informações das redes sociais.

Atrelado ao julgamento ou linchamento virtual está um sentimento de ódio e indignação que é propagado a cada comentário e compartilhamento. De forma análoga aos ditos de Bauman (2014), os seres humanos precisam lançar mão da acusação como gesto que permite sua absolvição. Desse modo, ao acusar o indivíduo aponta no outro características falhas, indesejáveis ou moralmente erradas para reafirmar para si e para a sociedade que ele é um cidadão de bem, estando assim, acima das críticas. Apontar e acusar serve também para direcionar sentimentos negativos e hostis, como ilustra *1984* nos “dois minutos de ódio”, no qual os cidadãos eram instigados pelo governo a externalizar sua fúria e rancor durante dois minutos tendo como alvo as nações inimigas.

Não obstante, com o advento das redes sociais, essa prática adquiriu consequências pesadas, visto que ela propaga um sentimento negativo vinculado a uma pessoa, grupo ou nação de forma exponencial e incontrolável. Nesse ínterim, diversos motivos contribuem para

que essas hostilidades espalhem-se, por exemplo: polarização política e ideológica (visto que, em um ambiente de “bolha”, ofensas contra grupos de pensamentos contrários tendem a propagar mais rápido), comportamento indiferente do indivíduo em âmbito virtual (tendo em vista os discursos produzidos pelos usuários em redes sociais que dissonam de seu comportamento real), informações incompletas ou falsas (algo que tem potencial poder de gerar desinformação, além de instigar ódio por conta de inverdades absurdas ou equívocos), exposição midiática (pois, assim como é mostrado no episódio quando Farrington, suspeito de pedofilia, é exposto em quarto lugar na votação para ser morto, enquanto o Chanceler Tom Pickering está em primeiro), etc.

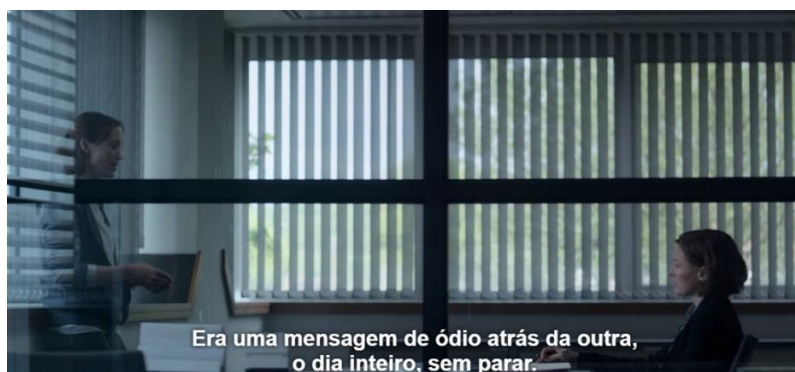
Em consoante com os dizeres de Bauman (2014, p. 68), “qualquer tecnologia nova abre (ao menos em princípio) uma nova área de fatalidades antes não vivenciadas”, pode-se destacar como a colateralidade das tecnologias presentes no episódio *Odiados pela Nação* são apresentadas. A ferramenta das redes sociais talvez seja a tecnologia mais destacada no episódio, visto que é a partir dela que as discussões acerca das vítimas ocorrem. A concepção inicial relativa às redes sociais como ferramenta virtual era de ser um ambiente no qual as comunicações interpessoais fossem facilitadas, funcionando para fim pessoais, profissionais, científicos, etc. Entretanto, com a rápida adesão da população a essa nova tecnologia e devido a uma ausência no preparo de um uso consciente dessas plataformas, diversos problemas foram surgindo e evoluindo com o tempo. Alguns desses problemas já foram citados em capítulos anteriores, como vício, formação de bolhas sociais, polarizações políticas e ideológicas, propagação de discursos de ódio, etc. No que se refere a exibição dessa tecnologia na obra, entende-se que, por se tratar de uma distopia, o foco no lado negativo das redes sociais é claramente notado e justificado. Porém, é necessário salientar que existe sim um foco, porém não um exagerado distanciamento temporal ou tecnológico (como é comumente visto em narrativas distópicas). Nesse ponto, vide algumas exceções, tanto o episódio quanto a série como um todo, visam criar uma ponte verossímil firme e precisa para que suas críticas sejam notadas com clareza.

Já no que se refere a tecnologia das abelhas, outras questões recebem destaque. Antes de mais nada, deve-se notar que, à primeira vista, a tecnologia das abelhas é apresentada como um projeto benéfico e, de certo modo, tentador, haja vista o grave problema ambiental relacionado ao desaparecimento das abelhas e suas consequências para o ecossistema. Entretanto, o episódio apresenta uma crítica tanto ao caráter obscuro que alguns projetos

governamentais benéficos podem conter, como também ao uso de tecnologias com aparatos de vigilância no processo de monitoramento e execução de pessoas. Desse modo, de forma análoga aos dizeres de Bauman (2014), os quais comparam o machado e o carrasco aos drones e seus operadores, as abelhas seriam um mecanismo de vigilância pulverizada ou líquida para uso governamental e posteriormente uma ferramenta do ódio público para a eliminação de pessoas indesejadas, tudo isso de forma “limpa”, sem exposição ou danos aos executores e vigilantes.

Essa propagação de ódio tão citada nesse episódio ganha outro nome no contexto atual da modernidade: “cultura do cancelamento”. Apesar da premissa desse conceito ser mais antiga do que sua recente fama, é somente após a consolidação das redes sociais como parte do cotidiano humano que a cultura do cancelamento toma “corpo” e destaque, tanto dentro das redes, quanto como objeto de pesquisa nas vertentes sociológicas que estudam o comportamento humano vinculado a um determinado espaço. Isso porque, a partir de casos recentes ligando esses “cancelamentos” a transtornos mentais, violência e ocorrências de suicídio (Figura 5), esse fenômeno social, amplificado pela rápida difusão de informações, configurou-se como uma ameaça nítida ao bem estar social, uma vez que o ambiente virtual encontra, ainda, poucas regulamentações. Já dentro da narrativa de *Odiados pela Nação*, esse problema é elevado ao ápice, cortando as consequências intermediárias às vítimas do cancelamento e mostrando o efeito máximo de uma sequência massiva de injúrias. Dessa forma, a figura dos votantes no episódio representa agentes causadores – direta e indiretamente – da morte das vítimas por meio das abelhas autônomas.

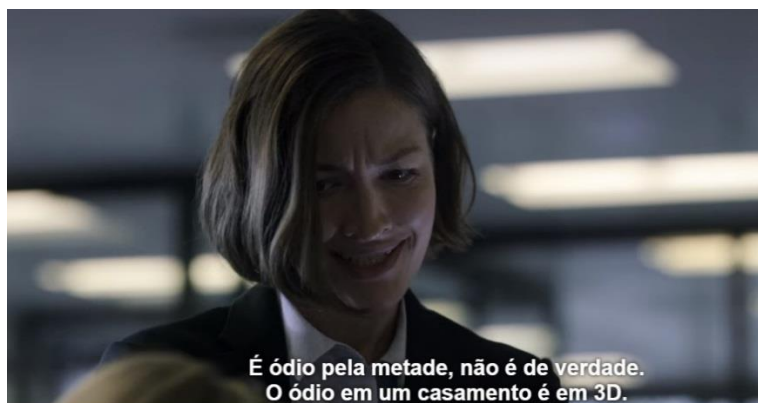
Figura 5 - Personagem Tess Wallender falando sobre o linchamento virtual que sofreu



Fonte: BLACK, 2016b.

Nesse quesito, Bauman (2014) destaca dois motivos para tal comportamento humano. O primeiro trata-se da falta de relação prévia, por parte do usuário, do ato de agredir verbalmente e a postagem de alguma injúria em uma rede social. Dessa forma, o indivíduo considera que seus atos, por serem produzidos em ambiente virtual – logo, “sem lei” – e a partir de inofensivos cliques, não causarão estragos permanentes (Figura 6). O segundo motivo tem base no termo “adiaforização”, definido como “cegueira moral”, falta de empatia e de sensibilidade para com as pessoas, agindo como se elas fossem objetos. Nesse caso, o indivíduo passa a enxergar o outro não como um ser semelhante, passível de falhas, mas sim como um objeto, o qual seus problemas podem ou não lhe interessar.

Figura 6 - Detetive Parke comparando o ódio virtual com o ódio em um casamento



Fonte: BLACK, 2016b.

E por último, temos as consequências para o agressor, sendo essas inexistentes no mundo real, mas que ganham destaque no episódio. A inexistência dessas consequências no mundo real é resultado da “liquefação da culpa”, além de uma certa falta regulamentações no ambiente virtual. Ao presenciar uma agressão ou um assassinato, consegue-se, ao longo de uma investigação, identificar o agente agressor e a vítima. Já com relação a uma agressão “pulverizada” e de crescimento exponencial, a culpa é tão dividida que a quantidade dela nos indivíduos envolvidos é imperceptível. Desse modo, a agressão veste-se de opinião e fere quem quer ferir. Contudo, a propagação do ódio por parte dos usuários finda em uma grave consequência, a qual pode ser descrita como o “machado” cortando a cabeça dos “carrascos”.

À vista disso, dois tipos de usuários são afetados por essa maré de consequências: aqueles que votaram sem saber o que aconteceria e aqueles que votaram conscientes da morte das vítimas. Durante o episódio não existe essa distinção, entretanto, pode-se inferir que os

primeiros são propagadores de ódio e “assassinos indiretos”, movidos por estímulos de maré exponencial característicos das redes. O segundo tipo de usuários, os que continuam ou começam a votar sabendo que participarão de uma votação para morte de alguém, esses seriam os “assassinos diretos”, os quais apresentam uma nítida adiaforização e ignoram a participação em um crime em prol de eliminar um “mal maior”.

Em suma, *Odiados pela Nação* visa firmar uma ponte entre o uso inconsequente das redes sociais – quando usadas para denegrir alguém – e as consequências de tais atos para as vítimas dessas agressões, as quais encontram-se na “força”, de mãos atadas, condenadas sem defesa ou perdão. Além disso, a narrativa transmite a ideia de colateralidade nas tecnologias, mostrando que qualquer ferramenta, seja a mais benéfica ou a menos útil, pode trazer consigo um lado nocivo. À vista das ideias aqui apresentadas, vale ressaltar que não é função desse trabalho julgar o fenômeno da “cultura do cancelamento”, entretanto, faz-se necessário sugerir um ponto de vista crítico acerca de tal comportamento, haja vista seu caráter destrutivo e pouco efetivo para real solução dos problemas.

4.3 VIGILÂNCIA E PROTEÇÃO EM ARKANGEL

Por fim, chegamos ao último episódio proposto para análise. *Arkangel* é o segundo episódio da quarta temporada, lançada em 2017. O plano de fundo desse enredo fundamenta-se na história da personagem Marie Sambrell e na relação com sua filha, Sara. No que se refere ao destaque do episódio, pode-se apontar a tecnologia controversa *Arkangel* e suas consequências para a formação do indivíduo e para as relações parentais.

Marie é mãe solteira e cria sua filha em conjunto com seu pai, Russ Sambrell. Após um incidente no qual Sara perdeu-se da mãe por, ao que parece no episódio, algumas horas, Marie decide inscrever a filha em um projeto de vigilância parental em período de testes, o *Arkangel*. A conotação religiosa da palavra não é sem fundamento, visto que esse projeto concede às figuras paternas uma vigilância completa sobre seus filhos, uma proteção quase que divina, onipresente e onisciente. A tecnologia, implantada no cérebro da criança, traz consigo as seguintes características: um sistema de localização, um sistema que monitora o funcionamento do organismo (nível hormonal, de vitaminas, nutrientes, uso de narcóticos, etc), acesso completo ao que a criança vê, além de uma ferramenta que permite censurar a visão e audição do indivíduo (Figura 7). Desse modo, Sara cresce tendo algumas limitações

visuais e auditivas, as quais censuram eventos que poderiam lhe causar algum pico no nível de estresse. Nesse contexto, ela sente muita dificuldade de entender a realidade das pessoas ao seu redor, além de não desenvolver completamente uma inteligência emocional, o que fica claro durante seus atritos com a mãe. Após consultar um especialista e constatar que a utilização do sistema *Arkangel* prejudica o desenvolvimento de sua filha, Marie decide parar de usá-lo, deixando sua filha livre da censura e da vigilância. Entretanto, em uma determinada ocasião, Marie decide usar o sistema para localizar a filha e essa utilização acaba desencadeando outros usos, que findam em uma tomada de decisão importante pela mãe sobre a vida da filha sem antes sua consulta. Essa decisão acaba por expor o controle da mãe sobre a filha, o que causa um drástico rompimento entre elas.

Figura 7 - Filtro (censura) sendo demonstrado durante a apresentação do sistema *Arkangel*



Fonte: BLACK, 2017.

Arkangel toca, assim, em um ponto delicado da vigilância, o qual é ligado a ideia de proteção. Vigilância e proteção, como já citado nesse trabalho, apresentam uma relação muito forte dentro da percepção coletiva. Sendo assim, de forma análoga aos ditos de Bauman (2014), pode-se dizer que a sociedade é estimulada a assinar, de bom grado, um contrato com os mecanismos de vigilância, sejam eles quais forem, para obterem a solução para seus medos e inseguranças. Nesse caso, *Arkangel* desenvolve assim uma experiência de vigilância diferente dos demais episódios analisados nesse TCC, visto que, ao contrário das outras representações de monitoramento, as quais atuam de forma externa – com múltiplos usuários, que podem simbolizar a sociedade sobrepujando o indivíduo – nesse episódio pode-se observar uma vigilância pontual (pois é desenvolvida sobre somente um personagem), precisa (visto que é uma vigilância quase completa do indivíduo, deixando escapar apenas seus pensamentos) e familiar (levando em consideração que trata-se de uma vigilância parental).

A partir dessa linha de raciocínio, pode-se então destacar algumas questões que esse tipo de vigilância apresenta no desenvolver do episódio, tais quais como: monitoramento e controle protetivos, vício em segurança, tecnologia e aprisionamento.

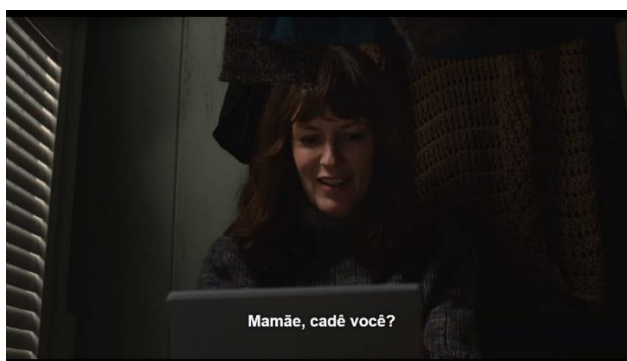
No que se refere aos mecanismos de monitoramento e controle protetivos, a filha da protagonista, Sara, nos oferece uma visão interessante acerca dos ditos já citados de Bauman (2014), os quais apresentam a ideia de segurança ligada ao vício. O vício em segurança, em ser vigiado, é uma característica ausente na personagem Sara a partir do desligamento do sistema *Arkangel*. Isso porque, Sara, observando o seu cotidiano e as pessoas ao seu redor, percebe limitações em seu modo de ver o mundo, limitações essas provocadas pelas censuras visuais e auditivas do sistema, o qual é controlado por sua mãe. Ao se ver coberta por esse grosso véu, que a impedia de interagir de forma orgânica com as pessoas, Sara revolta-se e consegue, assim como o prisioneiro da caverna de Platão, livrar-se das correntes que a seguravam. Desse modo, Sara passa a experimentar o mundo de uma outra forma, que de início parece árdua e complexa, mas que com o passar dos anos torna-se parte de sua vida, como um direito o qual ela não gostaria de abrir mão, o direito à liberdade.

Todavia, a mãe de Sara, a personagem Marie, não enxerga esse direito à liberdade como seguro para filha, visto que ela possuía o medo de que algo ruim pudesse acontecer a filha enquanto ela não estivesse vigiando, como quando a garota se perde na infância. Tendo isso em mente, a mãe procura reafirmar, para si mesma, a importância desse sistema para a proteção da filha e ela o usa – anos após desligá-lo – para vigiar e assegurar que sua filha está bem. Dessa forma, mesmo sem a intenção clara de controle, a mãe acaba por lançar mão, novamente, de um sistema panóptico quase perfeito, com o intuito de resguardar a filha dos riscos os quais o mundo poderia apresentar. Nesse sentido, o episódio põe em evidência a natural proteção parental, mais especificamente a materna, intensificada com uma ferramenta de vigilância completa e contínua, a qual tem a função de substituir, de certo modo, o papel da comunidade, como já apontado nos dizeres de Bauman (2001) e que acaba, concomitantemente, atuando também como um mecanismo de controle, vide a decisão da mãe de “encerrar” o relacionamento da filha com um outro personagem e, posteriormente, medicar a filha com um abortivo para interromper a gravidez provinda desse relacionamento, isso tudo, sem que a filha tivesse conhecimento acerca do que estava acontecendo.

Além disso, outra perspectiva apontada no episódio é a do vício em segurança por parte do vigia, o qual poderia, muito bem, ser substituído por “vício em cuidar de alguém” ou

“vício em vigiar alguém”. No já citado estilo de reality shows, os quais permitem o espectador ter acesso ao cotidiano de pessoas, dispostas em um determinado ambiente, ao longo de alguns meses, pode-se ter uma noção sobre como esse vício poderia ser caracterizado. Entretanto, o tipo de cuidado, de vigilância, proposto por *Arkangel* desenvolve-se de forma mais aprofundada. Embora, durante o episódio a mãe divirta-se com as ferramentas do sistema (Figura 8), seu uso é focado e direcionado para disponibilizar uma “paz de espírito” para aqueles que vigiam. Algo que se aproxima bastante da utilização secundária das abelhas autômatas do episódio analisado, *Odiados pela Nação*, no que concerne ao uso do projeto para vigiar a população, com a expressa justificativa de evitar ameaças à nação.

Figura 8 - Marie usando o Arkangel para brincar de esconde-esconde com a filha



Fonte: BLACK, 2017.

Por fim, faz-se mister a discussão acerca da tecnologia como uma forma viabilizadora de aprisionamento. Diferente da rede social de *Queda Livre* ou das abelhas robóticas controladas pelo ódio popular, a tecnologia *Arkangel* encarcera o indivíduo de uma forma única e complexa. Isso porque, em *Arkangel* não existe a possibilidade de culpar o sistema ou aqueles que aderem a ele pelas vantagens – como acontece em *Queda Livre* –, visto que, *Arkangel* trata-se de um mecanismo implantado e controlado, podendo ser desligado sem que isso prejudique o indivíduo ou altere qualquer vínculo social. Além disso, *Arkangel* efetiva uma vigilância condensada, muito diferente, por exemplo, da vigilância pulverizada de *Odiados pela Nação*, isso significa que as consequências dessa vigilância, sendo elas boas ou ruins, caem somente sobre aqueles que detém o controle parental do sistema (Figura 9).

Figura 9 - Sara descobrindo que a mãe tinha voltado a usar o sistema Arkangel



Fonte: BLACK, 2017.

Corroborando com a ideia de controle parental presente na obra, pode-se citar alguns exemplos de ferramentas, presentes no período hodierno, que funcionam como mecanismos para limitar e proteger os menores de conteúdos impróprios ou localiza-los quando for necessário. Nesse quesito, a maioria das ferramentas tecnológicas, como smartphones, vídeo games ou televisores, já vêm, de fábrica, com sistemas que permitem uma seleção dos conteúdos os quais as crianças teriam acesso livre. Além disso, plataformas virtuais de interação social permitem que os usuários denunciem conteúdos expostos que acharem impróprios para determinadas faixas etárias. Dessa forma, o conteúdo será analisado pelas diretrizes do site e censurado ou removido de acordo com o grau de exposição que se é permitido. Já no que se refere à localização, existem inúmeros aplicativos os quais, quando instalados em smartphones, permitem a visualização da localização do dispositivo. Ademais, alguns tipos de dispositivos físicos, munidos de rastreadores, podem ser adquiridos em prol de disponibilizar a localização do usuário como, relógios, pulseiras, chaveiros, etc.

Em suma, as discussões elencadas pelo episódio visam questionar um sistema de vigilância completo, mesmo quando utilizado por aqueles os quais, normalmente, têm a função de desempenhar um papel de protetor do indivíduo: os pais. Além disso, *Arkangel* expressa de forma clara as nuances que dividem vigilância de controle. Enquanto nos outros episódios analisados o controle, como consequência da vigilância, é exercido de forma indireta, nesse episódio ele assume um caráter mais claro, haja vista as significativas decisões

tomadas pela mãe acerca da vida da filha. Desse modo, o episódio tece uma crítica ao uso de tecnologias que funcionam como substitutas ou amplificadoras de procedimentos naturais – em específico, a proteção materna, demonstrando assim, efeitos colaterais possíveis no uso desses mecanismos. De certo, essa colateralidade, a qual dialoga com os pensamentos de Bauman (2014), mostra-se ser um tema perceptível em todos os episódios analisados, além de alguns outros pontos que se correlacionam entre si, mesmo durante enredos completamente diferentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve a função de destacar, nos episódios analisados, características que os integrassem, mesmo apresentando enredos completamente diferentes. Os destaques escolhidos são os mesmos que compõem o título dessa produção acadêmica, que seriam: distopia, monitoramento e controle.

No que se refere às conexões entre os episódios, é evidente que existem temas comuns entre eles, os quais dialogam entre si. O gênero distopia funciona, entre os episódios analisados, como uma espécie de arauto das possíveis angústias e aflições ocasionadas por um avanço tecnológico inconsequente, o qual as obras tomam como base para seus respectivos desenvolvimentos tecnológicos já existentes no período hodierno. Desse modo, o cenário distópico dos episódios infere as possíveis consequências colaterais de tecnologias como, redes sociais (em *Queda Livre*), drones (em *Odiados pela Nação*) e mecanismos de vigilância e controle (em *Arkangel*).

No quesito das redes sociais, *Queda Livre* e *Odiados pela Nação* apresentam diferentes pontos de vista sobre uma mesma ferramenta. Enquanto em *Odiados pela Nação* as redes sociais funcionam como instrumentos de punição direta, em *Queda Livre* as redes sociais, além de permitirem um certo tipo de punição de pessoa para pessoa, destacam-se também pela possibilidade de classificar os indivíduos de acordo com o grau de importância e influência. Desse modo, o que difere essas duas visões acerca de uma mesma ferramenta são as consequências colaterais dos seus respectivos usos. No cenário de *Queda Livre*, o que pode ser observado é o decaimento moral do ser, a partir da rejeição social. Já em *Odiados pela Nação*, a rejeição social manifesta-se através do ódio e cobra dos indivíduos “julgados” o preço mais alto que podem pagar: suas vidas. Nesse aspecto, ambos os episódios acentuam os efeitos paralelos do uso dessas ferramentas, além de cumprirem seus papéis como distopias, demonstrando, de forma crítica e sutil, suas pontes com tecnologias e acontecimento reais.

Por sua vez, no que corresponde ao uso de mecanismos de vigilância e controle, todos os episódios analisados apresentam uma perspectiva crítica. A mais clara dessas críticas é exposta no episódio *Arkangel*, no qual o mecanismo de vigilância parental homônimo disponibiliza aos vigilantes um ponto de observação quase completo sobre a vida de um

indivíduo em específico. Já nas produções *Queda Livre* e *Odiados pela Nação*, as informações a serem aproveitadas pelos vigilantes são entregues pelos próprios usuários nas redes, o que dialoga com os ditos de Bauman (2014) sobre a disponibilização de informações pessoais ao domínio público. Todas essas representações de vigilância findam na entrega de uma espécie de controle nas mãos dos observadores. Em *Arkangel*, o controle exercido pela mãe desenvolve-se de forma direta, o que pode ser analisado partindo da premissa “a mãe vê, a mãe age”. Já com relação a *Queda Livre* e *Odiados pela Nação*, o controle é dividido entre o coletivo, cabendo à sociedade “analisar” e julgar os feitos do indivíduo, exercendo, assim, o controle: por meio de um feedback negativo (como em *Queda Livre*) ou através votos para sua morte (como em *Odiados pela Nação*).

Em síntese, viu-se que na série *Black Mirror* a narrativa distópica de seus episódios, únicos e não-sequenciais, serve para transmitir os caracteres denunciativo e crítico, os quais a série atrela a si. Nesse contexto, a utilização de novas tecnologias, relacionamentos sociais (sejam eles presenciais ou virtuais) e uma certa atmosfera de indiferença são algumas características que compõem os roteiros dos episódios da série, funcionando, de certo modo, como estruturas fundamentais para sustentar as pontes de verossimilhança entre as projeções ficcionais e a realidade.

6. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, H.; LONGINO, A. **A poética clássica**. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BATMAN: O Cavaleiro das Trevas. Direção: Christopher Nolan. Produção: Emma Thomas; Charles Roven; Christopher Nolan. Roteiro: Jonathan Nolan; Christopher Nolan. Nova York: 2008. 1 DVD (152 min).

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BAUMAN, Z. **Vigilância líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BETTS, J. Sociedade de Consumo e Toxicomanias - Consumir ou não ser. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 1, n. 26, p. 65-80, 2004.

BLACK mirror: Arkangel. Criador: Charlie Brooker. Produtor: Barney Reisz. Produtores Executivos: Charlie Brooker; Annabel Jones. Reino Unido: Netflix, 2017. (52 min).

BLACK mirror: Odiados pela Nação. Criador: Charlie Brooker. Produtor: Barney Reisz. Produtores Executivos: Charlie Brooker; Annabel Jones. Reino Unido: Netflix, 2016a. (89 min).

BLACK mirror: Queda Livre. Criador: Charlie Brooker. Produtor: Barney Reisz. Produtores Executivos: Charlie Brooker; Annabel Jones. Reino Unido: Netflix, 2016b. (63 min).

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVALLINI, M. Comportamento em redes sociais pode provocar demissão? 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/comportamento-em-redes-sociais-pode-provocar-demissao-especialistas-dizem-que-sim-tire-duvidas.ghtml>> Acesso em: 22 de Jun. 2020.

COLLINS, S. **Jogos Vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

ECO, U. **Seis passos pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUXLEY, A. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo, 2003.

KOEHLER, C.; CARVALHO, M. J. S. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. **Passo Fundo**, v. 20, n. 2, p. 275-285, 2013.

LYON, D. **Vigilância líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MATRIX. Direção: Lilly Wachowski; Lana Wachowski. Produção: Joel Silver. Roteiro: Lilly Wachowski; Lana Wachowski. Califórnia: Warner Bros., 1999. 1 DVD (139 min.).

MCGREAL, C. **Fortress town to rise on Cape of low hopes**. 1999. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/1999/jan/22/2>> Acesso em: 07 de Set. 2020.

MINORITY Report. Direção: Steven Spielberg. Produção: Gerald R. Molen; Bonnie Curtis; Walter F. Parkes; Jan de Bont. Roteiro: Scott Frank; Jon Cohen. Música: Jonh Williams. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2002. 1 DVD (145 min).

MORE, T. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MOROMIZATO, M. S. et al. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v. 41, n. 4, p. 497-504, 2017.

NEVES, M. O. A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2015.

O DILEMA das Redes. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Roteiro: Jeff Orlowski; Davis Coombe; Vickie Curtis. Música: Mark A. Crawford. Estados Unidos: Netflix, 2020. (89 min).

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Nacional, 2003.

PLATÃO, S. **A República**. 7. Ed. Traduzido por Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993;

POE, E. A. **O poço e o pêndulo**: Coleção aventura grandiosas. São Paulo: Ed. Rideel, 2010.

QUEIROGA, M. G.; LIEBIG, S. M. **Estudos literários em perspectiva**. João Pessoa: Edições Fotograf, 2008.

REIS, V. **Cyberpunk, Steampunk e outros 9 gêneros “punk” que você nem sabia que existia**. 2020. Disponível em: <<https://viltoreis.com/generos-punk/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

SCHECHTMAN, S. Formação inicial de professores sob a perspectiva complexa e transdisciplinar: com a palavra, os licenciados. **Revista Terceiro Incluído**, v. 5, n. 1, p. 216-236, 2015.

SILVA, L. M.; SILVA, M. F.; MORAES, D. C. A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. **Curso de Psicologia UNIRG**. Gurupi-TO, 2013.

VERNE, J. **Viagem ao Centro da Terra**. 1864. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/sites/_portalebc2014/files/atoms/files/-viagem_ao_centro_da_terra_-_julio_verne.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

WALLE. Direção: Andrew Stanton. Produção de Jim Morris. Roteiro: Andrew Stanton; Jim Reardon. Música: Thomas Newman. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2008. 1 DVD (98 min).

WATCHMEN - o filme. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon; Lloyd Levin; Deborah Snyder. Roteiro: David Hayter; Alex Tse. Música: Tyler Bates. Londres: Warner Bros. Pictures, 2009. 1 DVD (162 min).